



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

HORTÊNCIA DE MOURA COSTA

**PARA LER A VIDA E ESCREVER A PRÓPRIA HISTÓRIA: TEOLOGIA
E AÇÃO LIBERTADORA NA DIOCESE DE PICOS**

PICOS – PI,
2014

HORTÊNCIA DE MOURA COSTA

**PARA LER A VIDA E ESCREVER A PRÓPRIA HISTÓRIA: TEOLOGIA
E AÇÃO LIBERTADORA NA DIOCESE DE PICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, da Universidade Federal do
Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros, como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

PICOS – PI

2014

Eu, **Hortência de Moura Costa**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 05 de agosto de 2014.

Hortência de Moura Costa

Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C837p Costa, Hortência de Moura.
Para ler a vida e escrever a própria história: teologia e
ação libertadora na diocese de Picos / Hortência de Moura
Costa. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (65 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Profa. MSc. Ana Paula Cantelli Castro

1. Igreja. 2. Dom Augusto. 3. MEB. 4. Dona Isabel de
Torega. 5. Povo. I. Título.

CDD 239

HORTÊNCIA DE MOURA COSTA

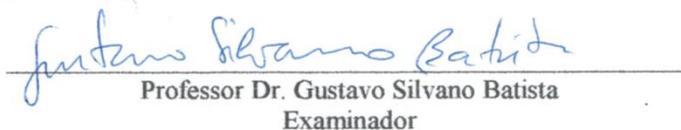
**PARA LER A VIDA E ESCREVER A PRÓPRIA HISTÓRIA: TEOLOGIA
E AÇÃO LIBERTADORA NA DIOCESE DE PICOS**

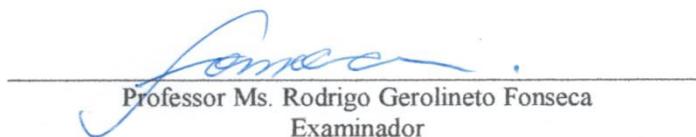
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História. Orientadora: Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Aprovado (a) em: 01/08/2014

BANCA EXAMINADORA


Pr. Ms Ana Paula Cantelli Castro
Orientadora


Professor Dr. Gustavo Silvano Batista
Examinador


Professor Ms. Rodrigo Gerolineto Fonseca
Examinador

Ao Meu Deus, que me ama e cuida de mim de forma incondicional. Aos meus queridos Pais Francisca Maria de Moura Costa e Francisco Paulino da Costa, pessoas simples e humildes que me revelam Deus a cada dia.

AGRADECIMENTOS

A cada dia que passa aumenta a minha certeza de que é impossível se conquistar algo sozinha. Ganhar o título de Graduada em Licenciatura Plena em História pela UFPI (Universidade Federal do Piauí), não está sendo fácil, nem para mim, muito menos para um batalhão de anjos que Deus, pois em minha vida.

Agradeço a Deus por tudo, Ele que é o meu Porto Seguro, que sempre está a me proteger e amar, sinto-me a menina de seus olhos, pois não tem um só momento que te sinto afastado de mim. Tudo que eu venha a escrever aqui sobre ti Pai se torna pequeno demais diante da grandiosidade que é tua presença e tua misericórdia na minha vida.

A minha querida família, meus queridos pais Francisco Paulino da Costa e Francisca Maria de Moura Costa, meu muito obrigado, obrigado Pai e Mãe, pelas noites acordados, pelo suor derramado, pelo cansaço ao voltar do trabalho, pelas brigas, pelos carinhos, pelo custeamento dos meus estudos, pelos momentos que se sacrificaram por mim, simplesmente por me amarem, vocês são sinais de Deus. A Heryka e ao Marcos Aurélio, meus queridos irmãos, os quais amo de forma incondicional, obrigado por tudo, até mesmo pelas brigas, pois após cada uma me certifico cada vez mais de que vocês são indispensáveis na minha vida.

Não posso deixar de agradecer àqueles que me inspiraram a estudar esta temática, eles que são meus irmãos de fé e juntos compartilhamos sonhos e acreditamos na construção da Civilização do Amor, são meus amigos de Fé e da Igreja, destaco aqui os da Pastoral da Juventude (PJ). Agradeço também, aos meus amigos e colegas de trabalho que souberam me compreender e por tantas vezes me ajudaram a desenvolver atividades no ambiente de trabalho a fim de que eu não me sobrecarregasse.

No decorrer do curso de História, Deus me presenteou com quatro pessoas impressionantes, cada uma com uma personalidade, uma forma de pensar, crenças distintas... Éramos tão diferentes, mais na Universidade formamos a famosa “panelinha” e dentro das nossas diferenças nos completávamos nos tornamos amigos, eles são: Fagna Alves, Cleyton Silva, Ellaine Tayana e Maica Emanuela, juntos fomos estudantes, pesquisadores, confidentes, atores, compositores, dançarinos; juntos descobrimos que com amigos de verdade podemos ir muito mais além do que nós mesmos imaginamos. A vocês, meus amigos, obrigado por cada minuto, pelas ajudas, pelas broncas, obrigada por deixarem cada dia da minha formação acadêmica mais interessante.

Durante essa minha caminhada algumas pessoas se tornaram sujeitos ativos na minha formação e a elas devo todas as minhas conquistas profissionais e acadêmicas. São os meus

Professores, a todos vocês, que desde o primeiro período tiveram todo cuidado conosco, respeitaram nossas “verdades”, mesmo sabendo que elas iriam ser desconstruídas no decorrer do curso, mesmo assim tiveram paciência para que nós mesmas fôssemos construindo nosso saber e nossa criticidade. Agradeço a minha mesa examinadora Professor Rodrigo Gerolineto e o Professor Gustavo Batista pela disponibilidade e as dicas. A atitude de vocês Professores, me fez por muitas vezes, refletir a frase do Paulo Freire: “Educar é um ato de amor”. Destaco aqui, a minha querida Orientadora Professora Mestre Ana Paula Cantelli, intitulada pelo Professor Jhone como minha “Mãe Acadêmica”, Professora, acredito que esse título por si só, já deixa claro o quanto a senhora é importante para mim. Obrigado pelas leituras, pelas broncas, pelas vezes que se preocupou comigo. Desejo um dia, ser uma professora como a senhora, Deus por muitas vezes, agiu em minha vida por meio dos seus atos.

Ao meu primo Antônio Almondes e a minha irmã Heryka Moura, por toda a força e a ajuda prestada durante a etapa das entrevistas; agradeço também, a Maria Francisca amiga de curso que me ajudou de forma louvável no término deste trabalho, bem como a entrevista feita da Dona Isabel de Torega¹.

Por fim, não posso deixar de agradecer a todos os depoentes, a vocês um muito obrigado, pois através de suas experiências de vida, consegui escrever uma parte da nossa História, tendo como principal suporte os seus depoimentos. A luta de cada um de vocês não foi em vão, hoje, podemos perceber que são vários os frutos das lutas que enfrentaram no passado, sendo hoje de grande relevância no âmbito acadêmico essa História, é digna de ser lembrada, estudada, discutida e compreendida.

Por isso digo: *Esse trabalho não é meu, mas de todos aqueles que junto comigo, sonharam e acreditaram na força dessa temática, OBRIGADO A TODOS.*

¹ Como é conhecida Isabel Maria dos Santos Silva.

“Para os que podem crer tudo isto não é mais utopia nem mais pura esperança, é evento histórico, herança para cada pessoa justa e destinação última da terra que entre tremor e temor defendemos e amamos.”

(Leonardo Boff)

RESUMO

O presente trabalho analisa a ação da Teologia da Libertação na diocese de Picos – PI no período de 1975 a 1992. O principal objetivo desta pesquisa, foi compreender como essa teologia foi se moldando dentro desta diocese a partir da chegada do primeiro bispo Dom Augusto Alves da Rocha, e das necessidades e ações do povo. As reflexões do texto seguiram o aporte teórico de Azevedo Dermi, Paulo Célio Soares, Leonardo Boff entre outros. A metodologia usada foram fontes documentais, orais e uma pesquisa bibliográfica. E por meio da análise destas fontes, percebemos que o agir do povo da diocese de Picos estava entrelaçada à Teologia da Libertação, ao método ver, julgar e agir. Foi uma Igreja que permitiu a formação das pessoas para atuarem nas causas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja – Dom Augusto – MEB – Povo – Dona Isabel de Torega.

RESUMEN

En este trabajo se analiza la acción de la Teología de la Liberación en la diócesis de Picos -. PI en el período de 1975 a 1992. El principal objetivo de esta investigación era entender cómo esta teología se perfila dentro de esta diócesis, desde la llegada del primer obispo Don Augusto Alves da Rocha, y las necesidades y acciones de las personas. Las reflexiones del texto siguió con la contribución teórica de Dermi Azevedo, Paulo Celio Soares, Leonardo Boff y otros. La metodología utilizada fue documental, oral y una búsqueda bibliográfica. Y mediante el análisis de estas fuentes dan cuenta de que el acto de la gente de la Diócesis de Picos estaba vinculado a la teología de la liberación, el método de ver, juzgar y actuar. Era una iglesia que permitió la formación de las personas para actuar en las causas sociales.

PALABRAS-LLAVES: Iglesia - Don Augusto; MEB; Pueblo - Doña Isabel de Torega.

DEPOENTES

- Dom Augusto Alves da Rocha;
- Isabel Maria dos Santos Silva (Dona Isabel de Torega);
- Gertrudes Maria de Oliveira;
- Helvídio João de Lima;
- Helvídio Sebastião de Sousa;
- Januário João de Araújo;
- João Benvindo;
- Maria dos Humildes Paixão Rocha;
- Maria Oneide Fialho Rocha;
- Padre José Hillica;
- Rita de Cássia Silva Macêdo.

LISTA ICONOGRÁFICA

Imagem 01: Imagens da contra capa do mais antigo livro tomo da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios da Diocese de Picos	20
Imagem 02: Imagens da contra capa do mais novo livro tomo da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios da Diocese de Picos	20
Imagem 03: Lembrança da Ordenação Episcopal de Dom Augusto Alves da Rocha	23
Imagem 04: Presença do MEB nas comunidades de base, experiências a partir do modo de vida do povo	33
Imagem 05: Mostra a primeira equipe do MEB da diocese de Nossa Senhora dos Remédios: Expedita Araújo, Maria Verônica Meneses Monteiro, Rufino Manoel de Almondes, Maria Oneide Fialho Rocha, Iracema Antônia de Sousa Lima e Pedro Antônio de Moura	34
Imagens 06: Mostra a caminhada da solidariedade aos atingidos pela construção da barragem de Bocaina em 05 de junho de 1984, sendo todos assessorados pelo MEB e pelo Bispo Dom Augusto Alves da Rocha	38
Imagem 07: Mostra a caminhada da solidariedade aos atingidos pela construção da barragem de Bocaina em 05 de junho de 1984, sendo todos assessorados pelo MEB e pelo Bispo Dom Augusto Alves da Rocha	38
Imagem 08: Caminhada e Missa em Ação de Graças pela luta do povo de Bocaina – PI em 28 de novembro de 1984	40
Imagem 09: Eleição de oposição sindical em Itainópolis – PI em outubro de 1986.....	41
Imagem 10: Encontro de Planejamento das atividades do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade de Santo Antônio de Lisboa	41
Imagem 11: Curso de formação sindical de 16 a 18 de novembro de 1991.....	41
Imagem 12: Implantação dos projetos alternativos (Bodega Comunitária, Salão Comunitário, Máquina de Pilar Arroz Comunitária) na comunidade de Suçuarana em Bocaina- PI	42
Imagem 13: Inauguração do Salão Comunitário em Suçuarana – Bocaina – PI. Em 15 de junho de 1986	43
Imagem 14: Feira comunitária em Itainópolis – PI, em 1986.....	43
Imagem 15: Feira comunitária em Itainópolis – PI, em 1986.....	43
Imagem 16: Famílias procurando lugar para construir barracos na Fazenda Marrecas	45
Imagem 17: Famílias procurando lugar para construir barracos na Fazenda Marrecas	45
Imagem 18: Presença do MEB nas comunidades de base, experiências a partir do modo de vida do povo	45

Imagem 19: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983	46
Imagem 20: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983	46
Imagem 21: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983	47
Imagem 22: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983	47
Imagem 23: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983	48
Imagem 24: Reuniões de acompanhamento da ação judicial para receber a indenização aos atingidos pela construção da barragem.....	52
Imagem 25: Reunião para discutir a viagem a Teresina com a finalidade de participar da audiência de julgamento da ação judicial no Tribunal de Justiça – Teresina – Piauí.....	52
Imagem 26: Pessoal que foi à audiência em Teresina no dia 20 de junho de 1984	53

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

BEC – Batalhão de Engenharia e Construção

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNLB – Conselho Nacional de Leigos do Brasil

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CPT – Comissão Pastoral da Terra

MEB – Movimento de Educação de Base

PJ – Pastoral da Juventude

PT – Partido dos Trabalhadores

TL – Teologia da Libertação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: VER: “O valor da Diocese de Picos estava no trabalho que se pudesse fazer com os leigos”	19
1.1 “Não tinha outro caminho a não ser assumir a defesa do povo”	23
CAPÍTULO 2: JULGAR: “Enfrentar o que parecia ser impossível”	31
CAPÍTULO 3: AGIR: “Se nós num tivesse se unido num tinha conseguido era nada”	49
3.1- “Nóis” / “Conseguido era Nada”	50
3.2- Juventude: Semente do novo	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	60
FONTES	63

INTRODUÇÃO

O interesse por esse tema me foi despertado logo nos blocos iniciais da minha licenciatura. Desde criança, participei ativamente de pastorais na Igreja e na universidade “alguns professores” me despertaram a curiosidade da formação das pastorais, a linha de seguimento das mesmas, a atuação de tradicionalistas, progressistas, marxistas e pentecostais dentro desta instituição que se mantem firme há mais de dois mil anos.

Esse trabalho também é relevante porque não se fecha, mas contribui de modo eficaz para o alargamento de pesquisas e estudos sobre religiosidade cultural e social, e no caso específico, tornar conhecida uma parte da história do Povo da Diocese de Picos.

Sendo assim, a História como ciência em constante transformação dentro dos seus vários discursos foi um dos motivos que me inspirou a escrever acerca dessa temática, ao mesmo tempo em que a construção deste trabalho se tornou um grande desafio por diferentes motivos. Motivos esses que inclui a própria Igreja, quando alguns padres não apostaram neste trabalho e falaram que seria um risco escrever sobre esse assunto. Como também a própria universidade, onde docentes não compartilham com a narrativa desta história e acabam por ignorá-la. Contudo recorro às palavras do Professor Mestre Rodrigo Gerolineto Fonseca:

Sei das dificuldades do meio acadêmico, pois nele, que é parte do mundo, se reproduzem as injustiças do mundo. Escrever a história dos humildes é incômodo, mancha o polimento da prataria acadêmica. Mas a história dos humildes é mesmo essa, desafiar os polidores de prata².

Sei que hoje as ideias de Marx já não têm tanta força dentro da nossa sociedade, pois concordo com a frase “Somos filhos do nosso tempo”. Porém cada vez mais me convenço que é inegável a contribuição dessas teorias para a construção do século XX, e aproximando da nossa realidade, para a construção do Brasil atual. Claro, que o modelo do Brasil hoje, não é dos melhores a ser seguido, nem o resultado esperado pelos marxistas, mas as conquistas que a população mais pobre obteve, é frutos das lutas que tinham como suporte essas teorias.

Afirmamos que a realização deste trabalho foi significativa por ser uma área que merece investigação, sobretudo porque em nossa cidade, as pesquisas sobre o assunto, principalmente em uma perspectiva histórica são mais do que escassas, sendo a Igreja uma instituição que influi de forma significativa na sociedade de modo geral, e em Picos não é diferente, faz se mais que necessário uma pesquisa com essa temática.

² Frase que ele escreveu na minha monografia após corrigi-la.

Tecnicamente falando, este objeto tem dupla relevância, tanto acadêmica, como social. Acadêmica porque podemos partir dos estudos já realizados sobre a própria Igreja (Azevedo Dermi, Paulo Célio Soares, Leonardo Boff entre outros), e social para que todos aqueles que vierem a ter acesso a este trabalho poderão conhecer mais e quem sabe despertar curiosidades sobre o assunto nele exposto. Além de ser uma forma de nos aproximar da História de uma diocese que fez do povo seu principal personagem.

Estudar o tema “A Teologia da Libertação na diocese de Picos entre 1975 a 1992” se dá pelos motivos, aos quais acredito ter sido nesta época um tempo de muita ação popular na Igreja de Picos, a mesma se tornou um lugar onde as pessoas encontravam apoio e formação politizada para atuarem de forma ativa dentro das suas comunidades de base, também pelo fato, de a partir de 1975 se perceber ações relacionadas ao Concílio Vaticano II dentro da Igreja na cidade de Picos através dos livros Tombo , disponibilizados pela paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, e as entrevistas que colhi.

No decorrer da minha caminhada na Pastoral da Juventude e na realização de alguns trabalhos acadêmicos, pude conhecer pessoas que hoje atuam na política, na comunicação e na educação que tiveram formação nos movimentos de base, e foram integrantes de grupos de jovens da época deste recorte, e que esses mesmos jovens idealizaram juntamente com o padre José Híllica a primeira missão jovem em Picos no ano de 1992, com o tema “Juventude Semente do Novo”.

A partir daí, logo senti vontade de entender essa realidade que me cerca, tendo em vista que conhecendo a história podemos compreender melhor o mundo que habitamos. Realizar esta pesquisa não é somente estudar um pouco mais sobre a Igreja em um determinado tempo e lugar, mas sim, procurar respostas para algumas das minhas indagações – Por que a Teologia da Libertação me chama tanto a atenção?; Quais os frutos desta Teologia na Diocese de Picos? ; Por que as pastorais sociais são fortes dentro da Diocese de Picos? ; E de onde vem a formação politizada da grande maioria dos líderes pastorais? – fazendo assim com que eu mesma me compreenda neste mundo no qual estou inserida.

Vejo esta pesquisa como de grande valor historiográfico para todos aqueles que assim como eu, buscam entender as ações e transformações que ocorrem dentro da Igreja as quais refletem de forma visível na sociedade.

Em decorrência da importância da Teologia da Libertação para a história política e social na América Latina, especificamente o Brasil, decidi observar como a mesma foi se moldando e atuando dentro da Igreja da cidade de Picos no período de 1975 a 1992 através do MEB (Movimento de Educação de Base), dentro das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base).

Primeiramente, percebendo as ações do clero em relação à Teologia da Libertação no seio da Igreja em Picos e de como essas ações influenciaram o movimento acima citado e por fim, perceber como se deu a formação da primeira missão jovem na cidade de Picos.

Como a principal tarefa do historiador é investigar, através de estudos e pesquisas, fazer uma análise da história e da memória do povo da Diocese de Picos sobre os fatos que lhes ocorreram, mais precisamente de 1975 a 1992 dentro do contexto social e com apoio da Igreja, período de grandes transformações na vida deste povo, pois foi neste período que Picos passa a ser Diocese, e se torna referência pelo seu segmento à Teologia da Libertação.

Em busca de compreender o papel do sujeito no processo histórico, utilizamos depoimentos orais de pessoas que presenciaram e foram agentes participativos de tais transformações. E diante disso, além das fontes orais, que foram de suma importância para esta pesquisa, os documentos escritos também nos auxiliaram na construção dessa história.

Para a realização deste trabalho utilizamos como fontes, os três livros Tombos da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios da cidade de Picos – Aos mesmos mostram que até 1975 a Igreja de Picos estava preocupada somente com o espiritual e com seus dogmas e doutrinas, logo após o Concílio Vaticano II, a Igreja passa a se tornar ativa dentro das suas comunidades assumindo também as causas dos que estão às margens da sociedade, sendo assim, fazendo sua opção preferencial pelos mais pobres e marginalizados – ; o livro “O Caminhar de uma Igreja Nordestina” de Rogério Valle e Clodovis Boff – um estudo que analisa o caminhar pastoral da Igreja de Picos na década de 80, e nele foi possível perceber um levantamento sócio econômico sobre a região onde a Diocese está situada. E para evidenciar o envolvimento da Igreja e a participação popular nas questões sociais, analisamos os depoimentos. Sobre os depoimentos é cabível lembrar que a entrevista feita a Isabel de Torega foi um trabalho feito por mim e a Maria Francisca da Rocha Gomes, pelo fato de nossa temática ter alguns pontos em comum, ela procurando relatos sobre a construção da Barragem de Bocaina e eu a forma de organização do povo para lutar por seus direitos a partir do apoio da Igreja nesta região.

Assim, trabalhamos com a História Oral, que para nós constituiu um desafio, uma vez que esta é a minha primeira experiência no campo da investigação histórica. Sobre esta questão Paul Thompson (1992) explica que:

O desafio da história oral relaciona-se, em parte, com essa finalidade essencial da história. Essa é uma importante razão por que ela tem

excitado tanto alguns historiadores e amedrontado tanto outros. Na verdade, temer a história oral como tal não tem fundamento.³

No primeiro capítulo, trabalhamos os traços da Teologia da Libertação no seio da Igreja da Diocese de Nossa Senhora dos Remédios da cidade de Picos, o que vai estar totalmente ligado à pessoa do Dom Augusto Alves da Rocha. No segundo, a forma de educação libertadora prestada pelo Movimento de Educação de Base as comunidades de base da Diocese de Picos, o que mais tarde assessorou o povo na luta organizada por suas causas. No terceiro capítulo, tomamos como base a organização dos ribeirinhos de Bocaina que a partir do apoio prestado pela Igreja na pessoa de Dom Augusto e pelo MEB, conseguiram se unir para lutar contra a posição do terceiro BEC.

Por fim, apresentamos a conclusão falando de como a Igreja Diocesana da Cidade de Picos percebia a Juventude no ano de 1992, chegando ter sua primeira experiência de Missão Jovem, a mesma trazendo um cunho religioso e outro social.

³ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CAPÍTULO 1: VER: “O valor da Diocese de Picos estava no trabalho que se pudesse fazer com os leigos”

*Feliz natal auguro aos colaboradores,
Brava gente na labuta de todo dia;
São todos destemidos semeadores
Operários do pranto ou da alegria.
Dom Augusto Alves da Rocha*

Ao consultarmos os Livros Tombo da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios da cidade de Picos, é visível uma transformação no seio da Igreja Católica, onde se traçarmos uma linha do tempo percebemos que em 1915⁴ até meados dos anos de 1961⁵ a Igreja estava preocupada com dogmas e doutrinas. Como filha do seu tempo, agia de acordo com a época. Um exemplo, em 1915, segundo o Livro Tombo em algumas atas de visitas pastorais o Bispo Dom Otaviano Pereira de Albuquerque relata que ao vir para o sul da paróquia (Picos), percebia os estragos da seca; era grande o número de animais mortos e de cemitérios à beira da estrada. Diante desta realidade o bispo manda que sejam colocadas pias batismais nas Igrejas desta região. Já em 1976⁶ quando esta mesma região passava por uma situação semelhante, onde vários agricultores tinham perdido suas sementes por conta da seca, o bispo da época Dom Augusto Alves da Rocha, pede ajuda a Caritas⁷ da Alemanha e consegue o apoio da mesma, fundando aqui em Picos um Banco de Sementes, o mesmo funcionava de acordo com as seguintes atribuições – pessoas reconhecidamente pobres e que perderam suas lavouras; as pessoas que estivessem nas frentes de trabalhos não receberiam as sementes, pois já receberam do governo; as pessoas que não se comprometeram com uma devolução no final da safra, não poderiam ser atendidas; os que receberam um, dois, três, quatro ou cinco pratos de milho, feijão ou algodão, devolveriam, por ocasião da safra um e meio, três, quatro, cinco, seis ou sete pratos respectivamente.

Diante dessas duas situações parecidas, podemos observar uma transformação nas atitudes dos representantes da Igreja no caso os bispos o que mais tarde provocaria mudanças também nas atitudes do povo da diocese de Picos.

⁴ O ano do livro Tombo mais antigo que a Igreja me disponibilizou.

⁵ Ano que se inicia o Concílio Vaticano II.

⁶ Informações encontradas no último Livro Tombo da Igreja datado de 1972 aos dias atuais.

⁷ É uma confederação de 162 organizações humanitárias da Igreja Católica que atua em mais de 200 países.

Imagem 01: Imagens da contra capa do mais antigo livro tomo da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios da Diocese de Picos.

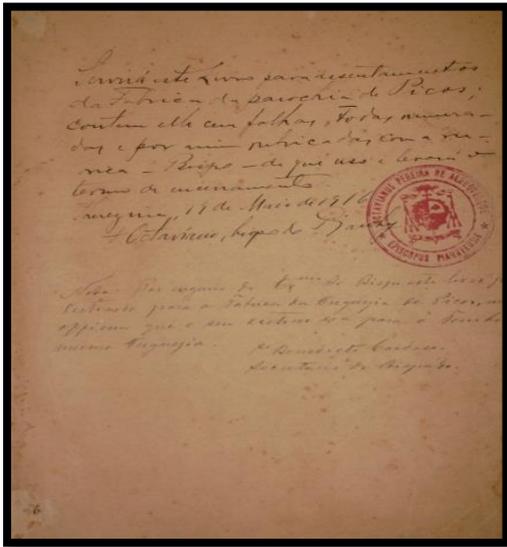
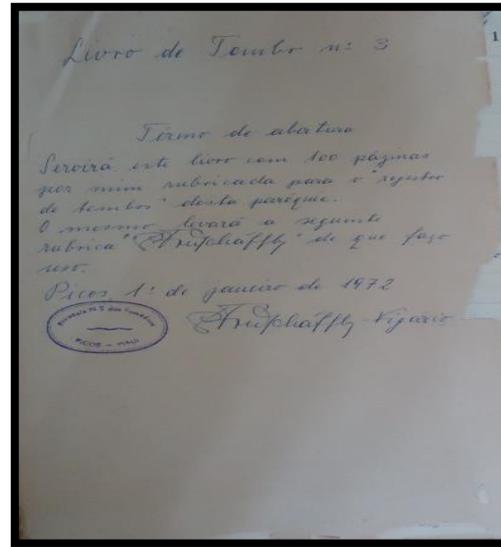


Imagem 02: Imagens da contra capa do mais novo livro tomo da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios da Diocese de Picos.



Fonte: Acervo pessoal de Hortência de Moura Costa.

No primeiro exemplo, o bispo ao ter a atitude de pedir que colocassem pias batismais nas Igrejas percebemos o quanto é forte a simbologia da água no seio da Igreja, ela como fonte de purificação se junta aos discursos doutrinários e dogmáticos da própria Igreja.

No segundo exemplo, percebemos uma Igreja mais centrada na realidade do seu povo, uma vez que, parte do governo da própria Igreja local, a iniciativa de um banco de sementes, a serem distribuídas a aqueles que sofreram fortemente os impactos da seca e não tinham de onde tirar essas sementes.

Quando o Concílio Vaticano II aconteceu o bispo da Diocese de Oeiras era Dom Edilberto Dinkelborg, Picos ainda não era diocese, era área pastoral de Oeiras. Até então como já foi dito, não se percebe nenhuma transformação no seio da Igreja desta região através dos Livros Tombos da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios.

Por ordem do Papa Paulo VI em 28 de outubro de 1974, Picos passa a ser diocese. Logo a transformação proposta pelo Concílio acontece quando chega a Picos o seu primeiro Bispo em 21 de setembro de 1975, transformação essa que se refere a uma Igreja mais inserida na sociedade, não só em questões espirituais dogmáticas e doutrinárias mas também sociais.

Sobre sua chegada a esta cidade e a experiência vivida no Concílio Vaticano II, Dom Augusto fala:

Então eu me lembro, isso, eu tomei posse no dia 21 de setembro de 1975, em pleno, digamos assim, em pleno ambiente de dominação, digamos assim, do poder civil na ditadura. Eu cheguei num jipe aberto do 3º BEC, porque eu

cheguei, e entrei no, lembro que foi montado, preparado lá, o povo estava lá porque começava uma vida ali em Picos como Igreja. Realmente a alegria tomou conta do povo. Então, me veio uma intuição, olha o consulado, acabamos o Concílio há pouco tempo, e o Concílio nos pregou que a maioria do povo que forma a Igreja é leigo. Os padres são importantes também e sem eles os leigos não se movimentam. Mas a grande maioria são os leigos. Então eu comecei a entender que o valor da diocese de Picos estava no trabalho que se pudesse fazer com os leigos.⁸

Ao falar essas palavras, percebemos dois pontos principais que resumem a fala do Dom Augusto: Primeiro “ambiente de dominação”. Foram muitos os desafios para assumir a nova diocese, desafios esses expostos no decorrer deste capítulo, logo, deixemos claro que o maior deles foi pelo fato do país estar passando pelo período de ditadura militar, uma vez que se a Diocese seguindo as diretrizes traçadas pelo Concílio, já era motivo suficiente para serem taxados de comunistas e subversivos, principalmente dentro da realidade econômica social que se encontrava a cidade de Picos. Segundo ponto, a “maioria do povo que forma a Igreja é leigo”, nesta parte percebemos não uma inversão de valores dentro da Igreja, mas uma postura diferente do seu representante, uma vez que no próprio Concílio se prega que a Igreja é composta principalmente pelo povo leigo, a exemplo disso, temos a própria Diocese da cidade de Picos que nas condições em que ela foi formada os leigos praticamente formavam a base da Igreja, pois era muito pequeno o número de sacerdotes e religiosas, logo o próprio Dom Augusto afirma que quem fazia tudo na nova Diocese era o próprio povo. E para a nova diocese o bispo já vinha com um conceito formado, pois a chamava de “Comunidade das Comunidades”.

Segundo o Direito Canônico de 1983, diocese é uma porção do Povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do presbítero, de modo tal que, unindo-se ela a seu pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo, uma, santa, católica e apostólica. Tal definição sobre Diocese já é uma nova versão que está no decreto nº 11 do Concílio Vaticano II, onde aparece o termo “porção povo de Deus” o que diferencia do antigo código que a conceituava como território.

Tendo como base esta mais recente definição de diocese, percebemos que a posição do atual bispo em chamar a diocese de “Comunidade das comunidades” já é uma forma atualizada deste novo jeito de ser Igreja proposto pelo Concílio Vaticano II.

⁸ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

Helvidio João de Lima⁹ chama essa forma de organização da Diocese de “Rede de Comunidades”. Para ele foi um tempo forte em que as comunidades eclesiais de base de fato, lutavam a favor da vida.

Trazendo para uma visão mais ampla da realidade, onde o país passava por um período de governo militar ao contrário do período do Estado Novo quando a Igreja se manteve em consonância com o governo brasileiro. No final da década de 60 em toda a América Latina, percebemos que, neste momento, e nesta região, a Igreja faz “opção preferencial pelos mais pobres”. Sua constante presença era percebida na sociedade brasileira e sua participação ativa no meio social.

Ao contrário da posição adotada diante do regime do Estado Novo, de Getúlio Vargas, em que a Igreja assumiu uma posição conciliatória diante do regime de exceção, a CNBB desempenha um papel chave na articulação da sociedade civil, em defesa dos direitos humanos, das liberdades democráticas, da reforma agrária, dos direitos dos trabalhadores e da redemocratização. Durante o Vaticano II, em 1964, a Assembleia Geral da CNBB, realizada em Roma, decide assumir o Planejamento Pastoral como seu instrumento metodológico de renovação (denominado, na época, *aggiornamento*). Esse processo concretiza-se, no país, por meio do Plano de Pastoral de Conjunto (PPC), fundamentado, por sua vez, na atuação da Ação Católica e na experiência da CNBB, fundada, em 1952, por iniciativa de D. Hélder Câmara. Em todo esse processo, a Igreja tenta integrar-se, cada vez mais, à sociedade civil e aos movimentos sociais. O principal reforço institucional, nessa direção, provém das Conferências Episcopais Latino-Americanas, realizadas em Medellín, Colômbia, em 1968; em Puebla, México em 1979 e em Santo Domingo, República Dominicana, em 1982. A prática gerada por esse processo leva a Igreja a direcionar a sua atuação, na sociedade brasileira, a partir da situação dos pobres e dos excluídos. No início dos anos de 1970, nesta perspectiva, a Igreja concentra sua atuação nas áreas econômica e política, em dois focos: no modelo econômico vigente, que considera elitista e concentrador de rendas e no regime de exceção, diante do qual compromete-se a lutar para o restabelecimento da ordem democrática. (AZEVEDO, 2004)

Este foi um passo importantíssimo na conjuntura da época, uma vez que vários países passavam por ditaduras militares e, em meio a este cenário, de ditaduras; confrontos econômicos; discussões no âmbito político e popular; confronto entre grupos da própria Igreja, advindas dos anseios e princípios da Teologia da Libertação, a qual atuou de forma significativa dentro das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), comunidades estas que na grande maioria predominava a miséria – as injustiças políticas e sociais.

⁹ Depoente da comunidade de Suçuarana.

Neste contexto, a Igreja passa a lutar em defesa dos direitos humanos, aqui em Picos, esses direitos que estavam sendo ameaçados eram: o direito à terra, o direito à indenizações¹⁰ justas, o direito à liberdade de expressão, o direito à alimentação, o direito à educação, o direito ao básico para viver com dignidade.

1.1 – “Não tinha outro caminho a não ser assumir a defesa do povo”

Dom Augusto Alves da Rocha

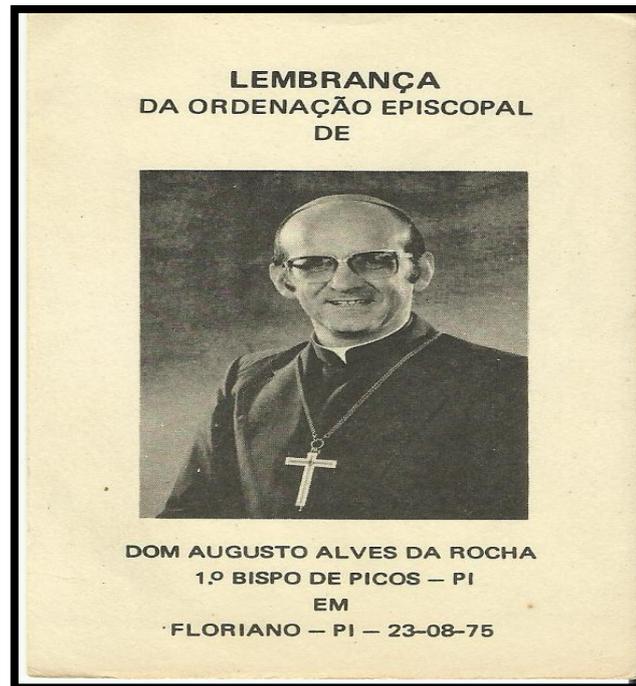


Imagem 03: Lembrança da Ordenação Episcopal do Dom Augusto Alves da Rocha.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

A chegada de um Bispo a Picos mudou não só as estruturas da Igreja local como também mudou a vida do povo desta diocese. Além disso, o bispo trazia ideias inovadoras, quando o mesmo diz que: “Então eu comecei a entender que o valor da diocese de Picos estava no trabalho que se pudesse fazer com os leigos”. Neste momento, se percebe a preocupação do Bispo em fazer o povo de fato ser Igreja e sair do papel de figurantes se tornando autores da própria história. A partir de agora também, a população tinha um porta-voz, já que por tantas vezes o povo queria falar, mas não tinha a oportunidade nem acesso a lugares significativos para expor suas manifestações ou até mesmo não sabiam que tinham a razão e assim ficavam calados diante das repreensões militares.

¹⁰ Indenizações justas aos ribeirinhos de Bocaina atingidos pela construção da Barragem.

Dom Augusto se coloca em tal serviço, pois em relação as suas lutas a favor do povo ele diz:

É veja, é claro que esses episódios eram muito bem acompanhados pelo sistema. A gente teve encontros com o ministro da justiça, a gente levou relatórios, bem claros, com depoimentos escancarados sobre várias situações no País, e a gente não tinha outro caminho a não ser assumir a defesa do povo. Porque o próprio povo nem podia chegar perto. Então, se a gente tinha a chance de pelo menos chegar até o plenário, quer dizer, até o congresso que era subordinado do sistema, mas era uma, digamos assim, uma máscara, fazia de conta que atendia ou que ouvia. Mas, só ia a efeito aquilo que os militares decidiam.¹¹

Os episódios falados pelo Bispo era desde as missas e assembleias até mesmo as participações nos movimentos sociais junto ao povo, pois em outro momento da sua entrevista o Bispo afirma já ter celebrado missas aqui na Diocese em companhia de militares.

A participação de um representante da Igreja nas causas do povo, desperta coragem e esperança de lutar em meio às massas. A população se sente mais segura e protegida, quando alguém que tem respeito e visibilidade na sociedade fala por ela, entende suas angústias e anseios. Gilberto dos Santos Oliveira¹², na coletânea em homenagem aos 80 anos do Padre José Comblin diz:

O que mais desperta coragem nos pobres é a chegada de alguém experiente. Quando chega uma pessoa que tem coragem de se misturar, de ficar no meio dos pobres, de se comunicar. Gente que abandona seu lugarzinho bom, sai até do seu país, abandona o conforto e traz aquela energia para nós, os pobres. (Coletânea, 2003)¹³

Percebe-se a confiança que o povo tem ao ver que uma pessoa com mais instrução escolar e de cargo importante em alguma instituição (neste caso a Igreja) assumem suas lutas, a atitude dessas pessoas juntamente com todo o povo provocam uma luta de classes, quando deixa claro que a causa dos marginalizados é também sua causa. Essa é a Igreja proposta pelo Concílio e principalmente nas conferências de Puebla (1979) e Medellin (1961), uma Igreja que acredita na Libertação dos povos, a partir da Palavra de Deus. Que vive o que o povo vive.

¹¹ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

¹² Agricultor, casado, pai de nove filhos, mora em Barrinha, as margens do rio São Francisco, Juazeiro, BA. Acompanha 15 comunidades rurais da Paróquia. Atualmente é presidente da União dos Missionários, que congrega os ex-alunos da Escola de Formação Pastoral.

¹³ **A Esperança dos Pobres Vive**: Coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin - São Paulo: Paulus, 2003.

O bispo da Diocese de Picos tinha consciência de como os fiéis da sua Igreja se encontravam e buscou ajuda em seu período de governo, pois o mesmo diz que tinha que assumir a defesa do povo. No período do seu governo não só assumiu a causa dos seus diocesanos como também trabalhou para a formação politizada deles, neste período passaram por Picos, segundo o testemunho do Bispo Dom Augusto Alves da Rocha, alguns nomes renomados da Teologia da Libertação:

Desde quando Jesus multiplicou os pães não foi só para mostrar a força e o poder de que ele fazia o milagre, mas era para ensinar aos discípulos que as pessoas não podem ser marginalizadas e ficar com fome por conta de uma atitude perversa de uma sociedade, quer dizer, uma elite, que toma conta de tudo e o resto fica chupando o dedo. Então isso tudo acompanhava. O que isso trazia para nós? Isso nos levava a convocar, no cenário brasileiro, pessoas que pudessem reforçar esse caminho, que nós sabíamos quem era. Então daí, se justifica, Dom Hélder, [...]. Ele esteve em Picos para dar uma força com seu testemunho. Não era curso que ele vinha pregar. Foi um momento que ele veio e reforçou, ele comunicou com o povo, etc. [...]. Então, lá apareceu, [...] o Angélico Bernardino, que mora em São Paulo, o José Maria Pires, da Paraíba, Valdin Calheiros, que morreu há pouco tempo [...] [Hortência: o padre Comblin ele veio também?] Ele esteve lá também. [...], o padre Marcelo Barros [...] Dom Tomás de Balduino, que está com noventa e poucos anos. [Hortência: o Leonardo Boff?] O Leonardo Boff não esteve pessoalmente, esteve o Clodovis Boff o irmão dele¹⁴.

Atitude perversa de uma sociedade onde uma elite toma conta de tudo enquanto os mais pobres passavam necessidades era a realidade da Diocese de Picos, uma vez que o Terceiro BEC se encaixava nesta elite que ditava as regras e o povo até então acatava sem nada dizer.

Também passaram por Picos “Dom Antônio Fragoso, Dom Pedro Calsadáliga, Dom Marcelo Cavalheira e o Padre Pedro Brito – hoje Dom Pedro Brito”¹⁵, vale ressaltar que todas essas pessoas que vieram a Picos, foram para tornar mais sólida à opção da Diocese de Nossa Senhora dos Remédios. E assim, a partir do envolvimento da Igreja juntamente com movimentos sociais nas diversas causas do povo de Picos e demais localidades que formavam esta diocese, foram se formando consciências politizadas nesta área pastoral, e foi a partir de 1975 que sem dúvida começa um grande impulso nos movimentos e pastorais de cunho social aqui em Picos, graças ao apoio dado pela Igreja.

¹⁴ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

¹⁵ Livro Sonetos: uma experiência contada em Versos. Escrito pelo Bispo Emérito Dom Augusto Alves da Rocha. No final do livro vem uma coleção de testemunhos, na qual retirei esta citação que foi escrita por Maria das Dores Rufino Costa e a Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

A vinda dessas pessoas até Picos para reforçar a nossa opção pastoral. Quer dizer, nós acreditávamos que a Igreja ela tinha que ajudar o povo a sair do isolamento, do individualismo, para tender as inspirações do evangelho, do Concílio, que nos considerava como uma família de seguidores de Jesus – o povo. Então, esta visão de Igreja é que nos animava a preparar as pessoas. Como nós éramos, digamos assim, numericamente muito frágeis, a gente buscou o caminho para fazer de nossas assembleias um instrumento de formação do povo.¹⁶

Ao dizer que eram “numericamente muito frágeis” o Bispo se refere a pouca quantidade de padres e religiosas da Diocese, daí a importância de se perceber que os trabalhos que fossem desenvolvidos nesta área pastoral tivessem como protagonistas o próprio povo. Com isso, fazer dos leigos protagonistas de sua própria História, dentro das comunidades de Base, não era somente uma proposta do Concílio Vaticano II, mas era antes de tudo uma necessidade concreta desta Diocese. Sendo assim, as assembleias Diocesanas onde as pessoas acima citadas participavam era o grande instrumento inicial de formação dos leigos “Note-se, entretanto, que entre 1975 e 1980 já tinham sido realizadas quatro assembleias gerais e seis assembleias diocesanas de pastoral”¹⁷.

O novo jeito de ser Igreja proposto pelo Concílio, estava sendo implantado na mais nova diocese do Piauí, uma vez que o próprio bispo diz que: “acreditávamos que a Igreja ela tinha que ajudar o povo a sair do isolamento, do individualismo, para tender as inspirações do evangelho, do Concílio, que nos considerava como uma família de seguidores de Jesus – o povo”. E sobre essa nova forma de ser Igreja Paulo Célio Soares¹⁸ no seu Artigo a Atuação das CEBs em Volta Redonda diz que é uma maneira descentralizada, que abre amplo espaço para a participação dos leigos na Igreja, e coloca esta instituição (a Igreja) em contato com o povo e principalmente, reconhecendo neste o grande motor de sua ação e como o sujeito e agente de sua própria história, com suas dificuldades, erros e acertos, desenvolvendo também um amplo processo de educação popular.

Toda essa efervescência cultural, social e política fez com que a cidade de Picos fosse também o berço de muitos movimentos sociais. A criação da Diocese de Picos e a vinda do bispo Dom Augusto Alves da Rocha, ligado mais a uma linha progressista da Igreja Católica consolidou uma vocação

¹⁶ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

¹⁷ VALLE, Rogério; BOFF, Clodovis. **O caminhar de uma Igreja Nordestina**. São Paulo: Paulinas, 1983. p.43.

¹⁸ Doutorando em História (UFRRJ), Mestre em História Social (USS-2001) e graduado em Estudos Sociais-História - (UGB-Ferp-1997). Atualmente é Coordenador do curso de História do Centro Universitário Geraldo Di Biasi (UGB) e do PIBID História UGB. Professor da Rede Pública (Seduc-RJ) e Privada de ensino atuando no Ensino Médio. Desenvolve pesquisa principalmente nos seguintes temas: Igreja Católica, Ditadura Militar, Movimentos sociais, sindicais e eclesiais.

para a potencialização de valores como a liberdade, a democracia e a igualdade social. No início dos anos 80, a folha de São Paulo chegou a publicar uma fotografia na qual aparecia um muro pichado em Picos com a seguinte inscrição “Eu quero votar para presidente”.¹⁹

Essa foi uma época em que a cidade de Picos destacava-se nacionalmente pelo trabalho desenvolvido na diocese, sendo que foi um período crítico, já que o fato do seu destaque era por causa de seus movimentos de esquerda em uma época que os militares estavam no poder e organizavam o país de forma ditatorial. O muro pichado com a frase “Eu quero votar para presidente” nos dá a ideia do quanto era efervescente os movimentos sociais nesta localidade, assim como também nos mostra uma reação do povo ao regime da época, reação essa que até meados de 1975 não era encontrada nesta região, o que podemos atribuir a uma formação politizada já oferecida pela própria Igreja. O mais impressionante nesta história é que foi neste contexto, dentro das incertezas misturadas com utopias do povo desta diocese que aconteceu um processo de alfabetização, formação crítica, política e sindical na população de forma muito profunda dentro das Comunidades Eclesiais de Base. Para ficar por dentro da situação do povo e saber por onde começar o trabalho, o Bispo começou seu legado episcopal nesta diocese com uma assembleia em 1975.

Então, eu comecei a entender que o valor da diocese de Picos estava no trabalho que se pudesse fazer com os leigos. Então em setembro de 1975 eu tomei posse, dia 21, e em dezembro nós convocamos a primeira assembleia diocesana. Cujas eu fui, nós não temos organização interna como diocese. Tínhamos o que, cinco padres, eu pedi, olhe vocês convidem pelo menos três colaboradores seus. Mas os que tiverem mais a frente das coisas em cada paróquia de vocês. Cinco vezes três: quinze. Quinze com mais os cinco padres: vinte, e tinha algumas religiosas, umas três que trabalhavam junto. Então foi a primeira assembleia que aconteceu em que a gente começou a conversar um pouquinho o que era possível fazer.²⁰

A Igreja de Picos ao se tornar Diocese recebe seu primeiro bispo Dom Augusto Alves da Rocha, a mais nova Diocese do Piauí só tinha cinco padres, o que nos faz compreender quando o Bispo diz que eram “numericamente frágeis”. Podemos dizer, que foi a partir de 1975 que a Igreja Diocesana de Picos vive de fato as propostas do Concílio Vaticano II, e sem medo, se entrega a linha da Teologia da Libertação, uma Igreja que assumia as causas da população e lutava pela libertação do seu povo. Nascia no sertão de dentro uma Igreja Popular, a mais nova diocese onde os protagonistas não eram os padres nem freiras, mas o próprio povo.

¹⁹ BENVINDO, João. **Entrevista concedida a Maria Oneide Fialho Rocha**. Picos-PI: 2010.

²⁰ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

Diante dessa realidade, sob inspiração da Teologia da Libertação, assim como em toda a América Latina, também em Picos acendeu, em várias comunidades cristãs, a reflexão teológica da fé, comprometida com a transformação da sociedade. Com clarividência Dom Augusto nos ajudou como agentes de pastoral, a discernir a importância das CEBs no processo de transformação da realidade. A esse respeito, podemos testemunhar que frente aos desafios da situação de pobreza do povo, ele conduziu nossa Igreja para que fosse solidária com os pobres. Por isso sempre investiu e acreditou na força evangelizadora dos empobrecidos e no potencial libertador do povo organizado²¹.

Nas cartas pastorais e nos circulares, por meio desses escritos compostos por Dom Augusto, já é visível a sua opção²², a sua forma de falar lembra a pedagogia do Paulo Freire, pois está inserido na realidade do povo assim como a metodologia de alfabetização adotada pelo MEB (o movimento de educação de base que falaremos no segundo capítulo). Em uma carta de 1976 no período quaresmal ele diz: “Entre nós coincide com a época dos plantios e os cuidados da roça, tempo em que a esperança tem plena característica de certeza” (LIVRO TOMBO, 1975 – aos das atuais).

Esse jeito de ser Igreja despertou no Rogério Valle e no Clodovis Boff um estudo sobre a Diocese de Picos, intitulado “O Caminhar de uma Igreja Nordestina”, onde eles descrevem o caminho traçado pela diocese, principalmente ao se tratar da sua opção em seguir uma linha libertadora e colocar o povo em local de destaque, fazendo assim com que homens e mulheres sejam estimulados a terem iniciativas próprias, no sentido de criar e dirigir suas organizações específicas: “Diz-se que o povo é alienado e omissos por questões de opressão ou alienação induzida. [...] Para ter mais autonomia, as comunidades precisam se organizar. As indicações para esse problema convergem na mesma direção: formação”²³. Desta forma percebemos que o forte desta área pastoral do Piauí era a formação popular, pois foi o grande ponto de partida para a transformação desta História.

A Igreja de Picos agora se encontrava ao lado do povo e experimentava com o povo seu modo de vida humilde, na maioria das vezes de extrema pobreza, e assim partilhava desta realidade:

Eu fiquei numa comunidade hospedado numa casa em que havia uma seca bastante grande, e a pessoa apanhava água numa cacimba no leito do rio, lá

²¹ Livro Sonetos: uma experiência contada em Versos. Escrito pelo Bispo Emérito Dom Augusto Alves da Rocha. No final do livro vem uma coleção de testemunhos, na qual retirei esta citação que foi escrita por Maria das Dores Rufino Costa e a Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

²² Opção pelos mais pobres e marginalizados da sociedade.

²³ VALLE, Rogério; BOFF, Clodovis. **O caminhar de uma Igreja Nordestina**. São Paulo: Paulinas, 1983,p.85.

embaixo, vinha com a água, botava para as galinhas, os porcos, os bodes, e também botava nos potes para a gente tomar. Eu fiquei nessa casa, e eu tomava banho á tarde. Abriam uma cacimba no leito do rio, indo para lá, um banho de cuia. Quer dizer, a gente entrava num ritmo de aprendizado com o próprio jeito de viver do próprio povo. Quer dizer, não era porque o fato de chegar um padre ou um bispo que deve mudar a vida toda. Mas a gente era como diz o povo: “a gente dançava de acordo com a música”. Então a gente começava a conferir não é com a própria realidade, a pobreza, a dificuldade, etc. [...] Teve uma Igreja pobre, me lembro, por exemplo, que nós fizemos algumas opções, em algumas comunidades, no período de Itainópolis, eu fui com umas freiras e a gente arranhou um jeito de dormir numa casinha que eu acho que nunca morou gente, não sei o quê que tinha lá. A gente varreu assim, espantou umas coisas lá para botar uma rede, um negócio, e com isso se dava a entender um pouco que a Igreja não estava buscando afirmação, diferenciação no tratamento, mas era uma Igreja solidária com a situação do povo.²⁴

Dom Augusto se manteve presente em questões polêmicas e organizou a diocese com um Plano de Ação Pastoral, ações essas que assumiam o compromisso com questões sociais. Logo a Igreja de Picos pregava o evangelho, mas também assumia as lutas sociais, lutava contra a vulnerabilidade social e a favor de uma sobrevivência descente. Dom Augusto chegou a depor na CPI da Pistolagem em 1993, na Câmara dos Deputados, quando ainda era presidente nacional da CPT, dizendo:

O pistoleiro já não é contratado só para matar, o seu ‘serviço’ passou a ser também o de intimidar, ameaçar, torturar, destruir casas e roças, matar animais de criação, enfim o de espalhar o terror entre as famílias camponesas. Com tais atribuições as suas denominações também sofreram mudanças, as denominações de vigia, segurança, fiscal, passaram a camuflar a verdadeira atividade dos pistoleiros. [...] Quanto à questão da terra a polícia não só dá cobertura às violências praticadas, como também as pratica. No nosso país o direito à propriedade, toma dimensões de absoluto. Sagrado, até. É colocado acima do direito à vida! Em nome do direito a propriedades tudo é permitido, inclusive tirar vida. [...] O verdadeiro responsável por esta situação é o estado que até hoje não tomou medidas reais para efetivar a Reforma Agrária, como não pune os responsáveis pelos seus crimes ligados a questão da terra²⁵.

É bem certo que ao falar isso, Dom Augusto falava em nome de milhares de brasileiros que sofriam esta realidade principalmente no Pará e no sul do Piauí, tendo em vista que ele era presidente nacional da CPT, porém, segundo a Professora Oneide Rocha, havia boatos de que no município de Pio IX o qual também faz parte da área pastoral desta Diocese havia nas propriedades de grandes latifundiários a presença de pistoleiros.

²⁴ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

²⁵ Depoimento do Dom Augusto Alves da Rocha, na CPI da Pistolagem no ano de 1993, tirado do livro *Sonetos: uma experiência contadas em versos*.

Assim a Igreja de Picos se tornou uma Igreja comunitária e participativa, uma comunidade de comunidades. Dentre tantas realizações houve:

A criação do boletim informativo – Notícias do Reino em Picos – em 1977; Transmissão do Programa Igreja Peregrina pela Rádio Difusora de Picos – 1979; Instalação do Movimento de Educação de Base – 1982; Reivindicação através de Ação Judicial dos lavradores de Bocaina – PI, visando indenização justa pelos prejuízos causados com a construção do Açude de Bocaina – 1982; Surgimento das CEBs em toda a diocese; Projetos Comunitários nas comunidades; Pesquisa sócio-econômica-cultural-religiosa coordenada pelo IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas); Luta pela posse de terra em vários municípios da Diocese destacando-se: Serra dos Torrões em Santo Antônio de Lisboa, posseiros da Serra da Ibiapina: Ceará – Piauí, Parambu – Ceará, Pimenteiras e Pio IX – PI, com um trabalho conjunto e articulado com a Diocese de Picos – Crateús e Arquidiocese de Teresina; Surgimento dos Movimentos Populares e Organizações de Classe.²⁶

Contudo, percebemos que a partir do ano de 1975 a Igreja de Picos juntamente com as CEBs, os movimentos e pastorais sociais proporcionaram à população alternativas – formas de trabalho, políticas educacionais – luta por políticas públicas de adaptação com a seca, à reforma agrária -, mesmo em meio à dura realidade do semiárido. Percebe-se uma verdadeira luta de classes quando a Igreja assume as causas sociais e fala em nome do povo, instituição essa que antes do Concílio Vaticano II era um local de oração, dogmas e doutrinas. O que se torna indiscutível que tais atitudes somaram de forma positiva para o desenvolvimento social e religioso e até mesmo econômico desta área pastoral da diocese.

²⁶ Documento organizado pela Professora Maria Oneide Fialho Rocha e Maria das Dores Rufino Costa em julho de 2013, intitulado “Dom Augusto Alves da Rocha – 1º Bispo de Picos: Memória da Caminhada – 1975 – 2001”.

CAPÍTULO 2: JULGAR: “Enfrentar o que parecia ser impossível”

*Somos gente nova vivendo a união
Somos povo semente de uma nova nação ê, ê
Somos gente nova vivendo o amor
Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê*

*Vou convidar os meus irmãos trabalhadores
Operários, lavradores, biscateiros e outros mais
E juntos vamos celebrar a confiança
Nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz.
Zé Vicente²⁷*

A Professora Maria Oneide Fialho Rocha no segundo capítulo da sua dissertação – Movimentos Sociais: ação sócio-política na região de Picos a partir da ação socioeducativa do Movimento de Educação de Base – MEB, no período de 1985 a 1995 – coloca o MEB através das articulações com a Teologia da Libertação, pois apesar de ser um movimento que tinha como base a alfabetização das pessoas nas comunidades mais carentes, principalmente, foi um movimento que andou lado a lado com a Igreja de Picos, pois o próprio bispo da época diz na entrevista que:

Me encontrei com comunidades que 90%, às vezes, numa comunidade, eram analfabetos [...]. E o que seria, qual seria nossa atitude como Igreja diante dessa crua realidade? Descartar na hora de, por exemplo, organizar alguma coisa na comunidade?²⁸

Percebemos na fala do bispo que o analfabetismo era um problema grave. Em vista da grande quantidade de analfabetos nas comunidades de base da diocese nos anos 80, o MEB passou a andar junto com a Igreja se tornando parceiros nesta luta contra o analfabetismo e um meio de conscientização do povo. O mesmo seguia a metodologia pedagógica de Paulo Freire como cita a professora Ms. Oneide Rocha em sua dissertação:

O pressuposto fundamental da pedagogia de Paulo Freire (1987, p. 68) é que: ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educa entre si, mediatizados pelo mundo” (...) Assim a educação é um processo contínuo de troca e saberes entre educador – educando, mediatizados pelo mundo, visando a transformação da sociedade. A ação sócio- educativa do MEB se fundamentou teoricamente nas concepções de

²⁷ Zé Vicente é natural de Orós, Ceará. Canta e compõe desde 1981, suas músicas são todas relacionadas à Teologia da Libertação.

²⁸ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

educação do educador Paulo Freire. Concepções essas que orientadas por ideias-forças que refletem sobre o homem e o seu meio de vida concreto.²⁹

O MEB foi criado pela Igreja Católica em março do ano de 1961, por iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Ganhou apoio de convênios particulares com o Ministério da Educação e da Cultura e com o Ministério da Saúde, foi prestigiado pelo governo federal, através de um decreto da Presidência da República. Seu maior objetivo era desenvolver um projeto de alfabetização de base nas localidades mais carentes nas regiões do nordeste, norte e centro – oeste através de escolas radiofônicas. Nesta época em que o MEB foi criado quase 50% da população brasileira era analfabeta e o Brasil era o sexto país em analfabetismo, como mostra o relatório anual do MEB feito em 1991.

Aqui em Picos, o MEB chega ao início da década de oitenta. Dentro da realidade social, cada MEB, foi tomando características próprias, de acordo com o bispo da diocese onde o movimento atuava. O bispo Dom Augusto seguia a linha da Teologia da Libertação o que tornou também o trabalho deste Movimento de Educação nesta linha. Sobre o trabalho deste Movimento nesta diocese o bispo fala: “Porque ele (o MEB), tinha um trabalho educacional, mas ao mesmo tempo reforçava a organização das comunidades de base”. Em outro momento na entrevista ele ainda diz: “É, realmente foi iluminador o pensamento da Teologia da Libertação e iluminou bastante o trabalho do MEB”.³⁰

As pessoas que trabalhavam neste Movimento de Educação passavam por uma seleção, de início eram convidadas a participarem de capacitações, nestas capacitações eram selecionados os educadores que iriam trabalhar.

Da data de chegada do bispo Dom Augusto na diocese de Picos, para o ano em que o MEB chegou a Picos temos uma diferença de sete anos. Anos estes, que o bispo iniciou com a formação cristã e política do povo, tais metas eram decididas nas assembleias diocesanas, foi um período de formação de lideranças.

Como todo MEB tinha seus objetivos de acordo com a realidade onde ele se encontrava, os objetivos³¹ do MEB de Picos eram:

- Fortalecer as organizações populares e comunitárias nas áreas rurais e periferias urbanas;
- Realizar programas de alfabetização de adultos junto às organizações populares e comunitárias;
- Assessorar, acompanhar e apoiar os Movimentos Populares e Organizações de Classe.

²⁹ ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 05/02/2014.

³⁰ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

³¹ Objetivos expostos no Relatório Anual do MEB de 1991.

Sobre o trabalho do MEB na diocese de Picos a Professora Gertrudes Maria de Oliveira³² fala:

Aonde o MEB atuou, por exemplo, onde ele atuou aqui em Picos, que a gente encontrou um trabalho de consciência, da linha social da Igreja, feito dentro da Teologia da Libertação, um bispo progressista como era Dom Augusto, o trabalho do MEB aqui, se voltou também para essa linha social da Igreja, ajudando as comunidades a refletir a realidade local, a analisar essa realidade local, é claro que à luz do evangelho. O trabalho do MEB também, por ser uma entidade de Igreja também, trabalhava muito nessa perspectiva de não dar o peixe pronto para as pessoas, mas fazer com que elas adquirissem consciência crítica e política e lutasse para defender os seus direitos, e também para uma mudança social na realidade local.³³

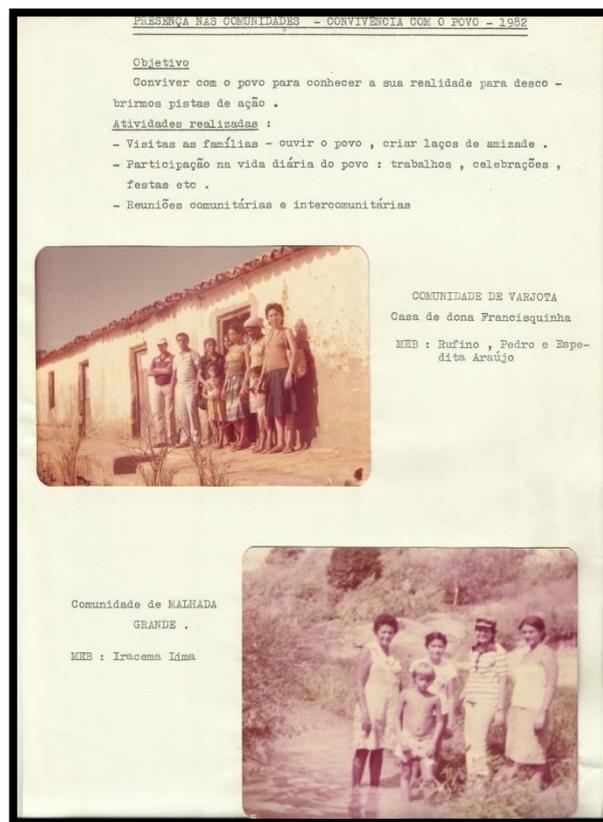


Imagem 04: Presença do MEB nas comunidades de Base, experiências a partir do modo de vida com o povo.
Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

Ao falar de como era desenvolvido o trabalho realizado pelo MEB, a Professora Maria dos Humildes Paixão Rocha, na época educadora do MEB diz: “O primeiro ano começava do

³² Professora com formação em Ensino Religioso e Teologia.

³³ OLIVEIRA, Gertrudes Maria de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 09/02/2014

zero praticamente. E aí, o segundo ano, já o aluno, a gente já investia mais na leitura, na escrita, e tinha o dia como se fosse uma formatura não é, da entrega do certificado”³⁴.

As pessoas que trabalhavam no Movimento de Educação de Base, passavam por capacitações e seleções. As que fossem aprovadas eram contratadas e suas carteiras de trabalho assinadas. Logo, mesmo sabendo que eram assalariados, é inegável que o trabalho desenvolvido pela equipe de alfabetizadores do MEB da diocese de Picos foi muito mais voluntário, devido a intensidade na qual esse movimento se envolvia na vida e nos problemas sociais dos alunos, pois aqui na diocese de Picos, o MEB trabalhava com uma educação voltada a partir da realidade do povo.

A primeira forma de como o MEB agia era de fato a alfabetização, que por si só, já era de certa forma abrir os olhos daquelas pessoas que até então não conseguiam ler nem contar, como nos mostra o senhor Helvídio do Morro da Macambira, quando relata a importância do MEB na sua vida: “Pois é, eu aprendi escrever, ler alguns nome, tirar umas continha, que eu não sabia, aí amiorô munto né...” o mesmo completa sua fala dizendo: “Foi, anrã, eu num tinha ido à escola, e já comecei já de idade já, num tive tempo de ir quando era novo. Aí pra eu foi bom porque eu num sabia escrever nem ler nome nium, ...”³⁵



Imagem 05: Mostra a primeira equipe do MEB da diocese de Nossa Senhora dos Remédios: Expedita Araújo, Maria Verônica Meneses Monteiro, Rufino Manoel de Almondes, Maria Oneide Fialho Rocha, Iracema Antônia de Sousa Lima e Pedro Antônio de Moura.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

³⁴ Entrevista a Professora Maria Humildes Paixão Rocha, concedida a Hortência de Moura Costa no dia 09 de fevereiro de 2014.

³⁵ SOUSA, Helvídio Sebastião de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 09/02/2014.

O tipo de educação Libertadora que a Igreja de Picos e o MEB propunham e também realizavam, não era somente para aqueles que recebiam, mas também para os próprios educadores, pois foi uma época em que adquiriram formação para a própria vida a Expedita Araújo a primeira mulher do lado direito da fotografia trabalhou por muito tempo na Comissão Pastoral da Terra (CPT); a Maria Verônica que está ao lado da Expedita é professora aposentada com licenciatura em letras e trabalha no diretório municipal do PT; o Rufino Manoel de Almondes o rapaz que se encontra ao lado da Maria Verônica é hoje professor do estado na cidade de Caridade – CE, com formação em letras e militante do PT; Oneide Rocha a jovem que está ao lado do Rufino Almondes é pedagoga com licenciatura em Estudos Sociais e mestrado em Serviço Social, foi professora efetiva da Universidade Federal do Piauí, campus de Picos e hoje é secretária de Planejamento do município de Picos, militante do PT e coordenadora do Conselho Nacional de Leigos do Brasil da diocese de Picos (CNLB); Iracema Antônia a que está agachada é também militante do PT e professora aposentada; Pedro Antônio de Moura o que está de frente com Iracema além de militante do PT é hoje funcionário público do hospital Justino Luz.

Sobre a contribuição do MEB para a Diocese de Picos, Dom Augusto Alves da Rocha deixa claro como este movimento ajudou com a sua pedagogia, de forma incondicional para a formação da população da diocese de Picos:

Exatamente, então, esses foram muitos ajudados pela equipe do MEB, porque a equipe do MEB, de fato encarnou o projeto diocesano. Não era só o MEB de alfabetização de adultos, mas era o MEB que... Claro, nos dava uma diocese no mesmo propósito de transformação da sociedade. Quer dizer, uma Igreja que pelo caminho do evangelho ajuda as pessoas a se transformarem. Sair de uma posição de, digamos assim, menino de recado da Igreja, para serem sujeitos da ação. Então, as comunidades, elas deram passos importantíssimos.³⁶

As primeiras comunidades da diocese de Picos que o MEB atuou, foram as comunidade de Malhada Grande, Suçuarana, Barrocas e Lagoa do Cajueiro, todas municípios de Bocaina. Essa região foi a primeira devido à situação na qual esse povo se encontrava: construção da barragem de Bocaina (com os seus impactos, remoção e indenização das famílias atingidas por essa obra), seca e não muito diferente das outras regiões da diocese, grande número de analfabetos.

Percebemos com essa atitude de ir primeiro a uma comunidade que passava por sérios problemas sociais, políticos e ambientais (seca), a Igreja não estava somente preocupada com

³⁶ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

a alfabetização da população, mas sim como o próprio bispo disse, fazer com que eles saíssem da condição de coitados e se transformassem em sujeitos ativos construtores da própria história.

Uma mulher do município de Bocaina, conhecida como Isabel de Torega, foi personagem ativa e de destaque nesta história do envolvimento do MEB nas questões sociais, políticas e ambientais desta localidade, sendo a família dela a primeira a ser atingida pela construção da barragem. Segundo a Maria Oneide e Januário João de Araújo, dona Isabel foi até o bispo e pediu ajuda, pois soldados do 3º BEC estavam entrando nas propriedades sem nada esclarecer a população.

Tinha uma senhora na barragem de Bocaina chamada Dona Isabel, que morava na Malhada Grande, Isabel de Torega e ela veio conversar com Dom Augusto, que estavam entrando nas roças, cortando as cercas, e eles não sabiam o quê que ia acontecer. Sabiam que iam construir a barragem, mas a conversa, ninguém perguntava nada a eles.³⁷

[...] aonde a Dona Isabel de Torega foi uma guerreira nesse assunto, foi a primeira a procurar o MEB para que pudesse fazer um levantamento da situação e encarar essa luta, e com o apoio de Dom Augusto o MEB se aproximou, fez um trabalho ampliado dentro do município de Bocaina.³⁸

Além de ter sido a primeira a tomar a iniciativa em pedir ajuda a Igreja, dona Isabel também se tornou uma espécie de intermediária entre o povo, a Igreja e os educadores do próprio MEB, sobre as questões burocráticas da luta, era o ponto de referência.

Quer dizer, a Dona Isabel, Isabel de Torega como é conhecida era quem fazia a intermediação. Quer dizer, era quem marcava reuniões, era quem ia na casa das pessoas dizer que dia tinha reunião, as pessoas que procuravam material, a questão burocrática, deixavam ou pegavam na casa dela. Ela foi um ponto de referência³⁹.

É perceptível no depoimento do Helvidio da comunidade de Suçuarana que não havia pretensão alguma dos militares em fazer acordo entre a população do município de Bocaina e o 3º BEC, pois quando a dona Isabel de Torega foi pedir ajuda a Dom Augusto já fazia um ano que as obras tinham começado, sem que tivesse acontecido nenhuma reunião de esclarecimento à população, neste momento essa mulher passa a ser protagonista desta História.

³⁷ ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 05/02/2014.

³⁸ ARAÚJO, Januário João de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 16/02/2014.

³⁹ ARAÚJO, Januário João de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 16/02/2014.

Não havia, no meu ponto de vista, pretensão do BEC em indenizar. Isso eles chegaram, estava com mais de ano, que estavam lá dentro das propriedades do pessoal, inclusive, a casa de Dona Isabel. Lembro ainda, foi uma das primeiras a ser afetada com a presença das máquinas, porque a estrada que liga Bocaina à barragem passava justamente na propriedade dela, e chegaram derrubando a cerca sem pedir licença a ninguém. Então, foi uma das famílias afetadas desde o início, e depois de um ano, foi quando a diocese entrou com essa ação, reivindicando essa indenização, que era direito das famílias, começou a organização, aí foi que o BEC resolveu a montar uma equipe que passou a tentar descobrir ainda os limites das propriedades, que já estava tudo destruído, mato [...] cavando, retirando material e tudo mais. [...], só receberam a partir do movimento criado pelos camponeses com o incentivo da diocese. Eu confirmo que fazia mais de ano que o BEC estava lá na região, e não se falava até então em indenizar ninguém, era só destruir.⁴⁰

Foi em meio a essa realidade que o Movimento de Educação de Base alfabetizava o povo daquela região dentro de uma pedagogia libertadora, a fim de fazer o mesmo sair da condição de coitado e se tornar sujeito da própria história. Esse era o desejo de todos os agentes de pastorais e da Igreja de Picos, logo o MEB ajudava o povo a construir essa consciência, possibilitando o surgimento de muitas entidades e organizações representativas da sociedades dentro de vários seguimentos.

Com relação às famílias. Eu lembro que eles tiveram um trabalho enorme para acompanhar, cada família, de casa em casa, convidando para as reuniões, foram várias reuniões até convencer o povo da necessidade de se organizar, enfrentar o que parecia ser impossível, que era o 3º BEC na época, o responsável pela construção. Nem todo mundo aderiu ao movimento, mas uma grande parte deu-se as mãos e passaram a lutar, reivindicando a indenização, e um serviço justo, posso dizer assim⁴¹.

⁴⁰ LIMA, Helvídio João de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 09/02/2014.

⁴¹ Idem.



Imagem 06



Imagem 07

Imagens 06 e 07: Mostram a caminhada da solidariedade aos atingidos pela construção da barragem de Bocaina em 05 de junho de 1984, sendo todos assessorados pelo MEB e pelo Bispo Dom Augusto Alves da Rocha.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

Durante e após o processo de alfabetização, o MEB se colocava sempre na posição de assessoria das comunidades, a região de Bocaina foi o primeiro exemplo, pois as ações não ficaram somente no papel, uma vez que por incentivo e apoio da Igreja por meio do MEB, as comunidades atingidas pela obra da barragem entraram em um processo jurídico, chegando a ir representantes até Teresina. Entretanto, ao chegarem em Teresina, o juiz já tinha dado a sentença do caso sendo a favor do 3º BEC, e é fato que a indenização definida pelo juiz não foi justa, mas cabe lembrar, que mesmo sendo um valor inferior ao reivindicado pela população, os mesmos só receberam por causa do envolvimento da Igreja nesta luta.

As comunidades atingidas pela obra da barragem eram: Varjota, Curral Novo, Curral Velho, Carvalho, Tingui, Suçuarana, Barreiras, Barrocas. Porém, vale lembrar que nem todas as pessoas entraram na causa mesmo sendo atingida pela obra, pois as mesmas sofreram ameaças dos militares em não receberem a indenização caso continuassem nesta luta.

Quando o 3º BEC ficou sabendo da ação da diocese, através do MEB, organização as famílias para lutarem por uma indenização, então, difundiu-se ideia, casos de pessoas de casa em casa dizendo: “olha, se você aderir ao movimento nós não vamos lhe indenizar”. E alguns tiveram que desistir porque tinham medo de não receber, sequer a pequena quantia que o BEC passou a oferecer. [...] Alguns teimaram, preferiam não receber nada, a

receber uma mixaria e não lutar. Mas alguns não aderiram ao movimento, assinaram aquilo que o BEC queria, de acordo com o que queria, com medo de receber era de jeito nenhum. Isso foi uma pressão forte nesse sentido.⁴²

Nessa perspectiva, como se não bastasse toda essa luta, no mesmo período a população passava por uma seca que teve início em 1979 e término em 1983. Sendo assim além da seca natural o povo ainda sofria com a seca da vazante do rio, pois em períodos de estiagem, a população plantava as margens do rio Guaribas, com a construção da barragem essa prática não dava para ser executada.

Mais uma vez o MEB entra na história, fazendo algo semelhante com o que Dom Augusto fez ao chegar na cidade de Picos, que foi um banco de sementes.

... lá a gente fez um projeto com a OCFAN⁴³, de sementes. Então, teve que plantar, nós formamos uma equipe de lavradores lá da Bocaina, e teve que comprar para eles plantarem, porque eles não tinham mais nada – arroz, feijão, milho e a mandioca, a maniva de mandioca, coincidentemente, nós fizemos esse projeto para umas 200 pessoas, e distribuimos sementes, parecia o milagre da multiplicação. Nós distribuimos as sementes para 300 famílias lá na região da Bocaina.⁴⁴

Era em meio a esse cenário que as pessoas iam se organizando em associações, sindicatos, movimentos sociais, partidos políticos, tudo isso também com a acessoria e a formação por conta dos educadores do MEB

⁴² LIMA, Helvídio João de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 09/02/2014.

⁴³ OCFAN é uma instituição inglesa, que tinha um escritório em Recife.

⁴⁴ ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 05/02/2014.

... vimos a possibilidade de criar os Sindicato de Trabalhadores Rurais. Com o apoio do MEB e da Igreja nós começamos a luta, até que fundamos o sindicato, em 1987, não é, a gente criou a comissão pastoral do sindicato, e em 1989, criamos a Associação dos Trabalhadores de Lagoa do Cajueiro, aonde defendia a questão da terra.⁴⁵

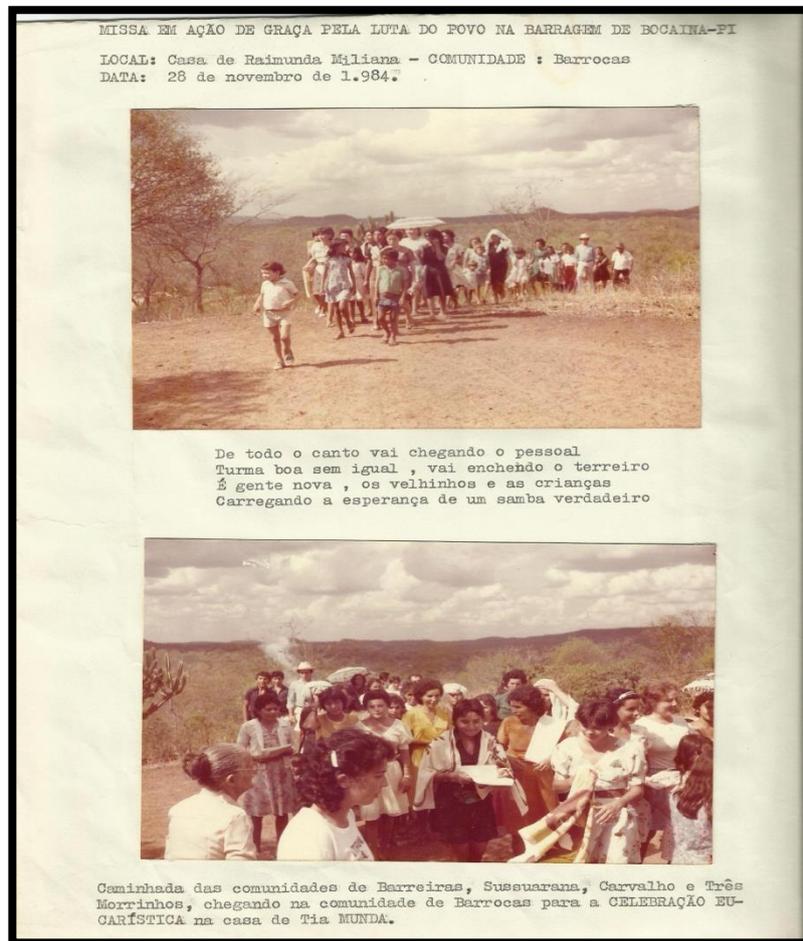


Imagem 08: Mostra a caminhada e missa de solidariedade aos atingidos pela construção da barragem de Bocaina em 05 de junho de 1984, sendo todos assessorados pelo MEB e pelo Bispo Dom Augusto Alves da Rocha.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

⁴⁵ ARAÚJO, Januário João de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 16/02/2014.

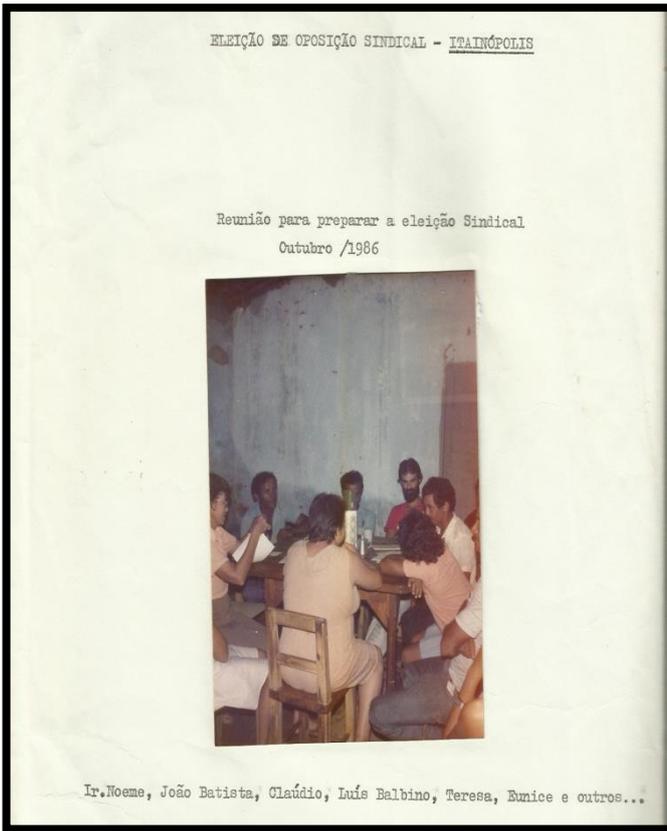


Imagem 09

Imagem 09: Eleição de oposição sindical em Itainópolis – PI em outubro de 1986.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

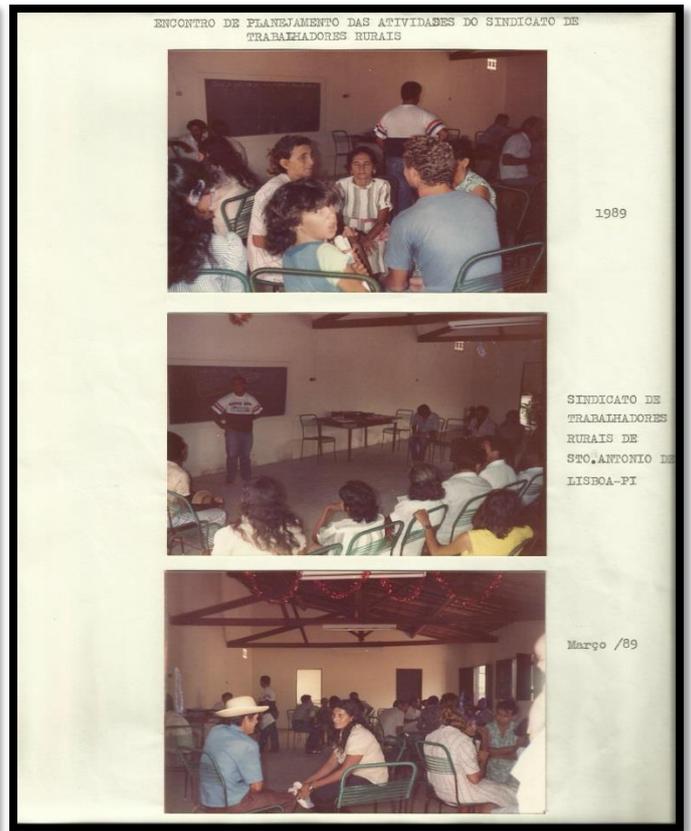


Imagem 10

Imagem 10: Encontro de planejamento das atividades do Sindicato de Trabalhadores Rurais da cidade de Santo Antônio de Lisboa.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha

A formação de sindicatos se expandiram por outras comunidades da Diocese sob orientação do MEB:



Imagem 11: Curso de formação sindical de 16 a 18 de novembro de 1991.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

Através dessas organizações formadas pelo povo com assessoria da Igreja, elas passavam a conquistar benefícios para sua própria comunidade:

Na minha comunidade se organizou um grupo que pensou nas suas melhorias. Como podia ser feito, e conseguiu um motor para pilar arroz, um chamado motor comunitário. Então, adquiriu esse motor, um projeto se não me engano da Cáritas, na época, compraram o motor a diesel, e custou à coordenação para gerenciar esse serviço. Isso durou até poucos anos [...]. Teve a formação de uma bodega comunitária. O que era isso? Era uma maneira, se comprava num comércio, no atacado. Levava para a comunidade, e aí cada família pegava o necessário, por um preço acima do valor de custo, mas sem aquele desejo de vender por um preço alto, por parte de quem comprava, da equipe responsável. Era a maneira de comprar mais barato.⁴⁶

Além dessas conquistas a comunidade de Suçuarana também construiu o salão comunitário, com tijolos comunitários: “... lá na Suçuarana o pessoal construiu um salão comunitário, fez tijolo comunitário para um salão comunitário”, como disse a professora Oneide Rocha.

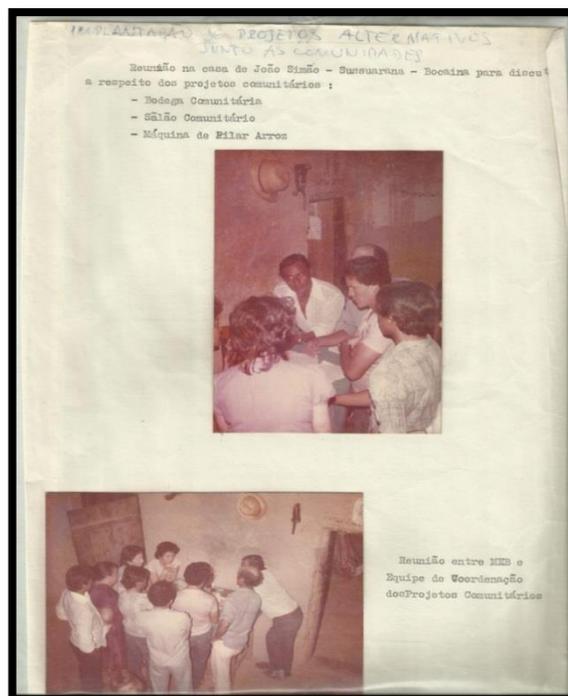


Imagem 12: Implantação dos projetos alternativos (Bodega Comunitária, Salão Comunitário, Máquina de Pilar Arroz Comunitária) na comunidade de Suçuarana em Bocaina- PI.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

⁴⁶ LIMA, Helvídio João de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 09/02/2014.

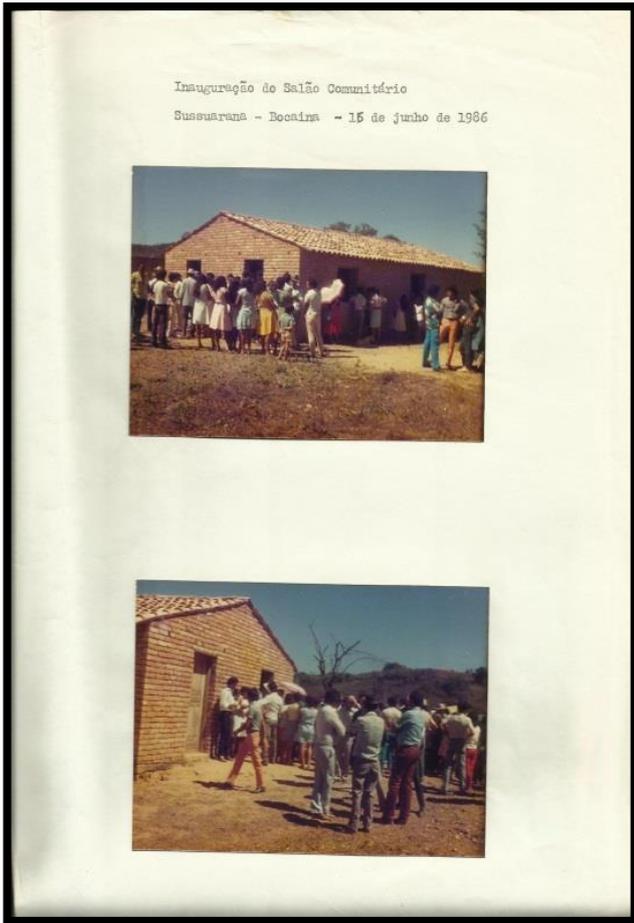


Imagem 13

Imagem 13: Inauguração do Salão Comunitário em Suçuarana – Bocaina – PI. Em 15 de junho de 1986.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

Imagem 14: Feira comunitária em Itainópolis – PI, em 1986.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

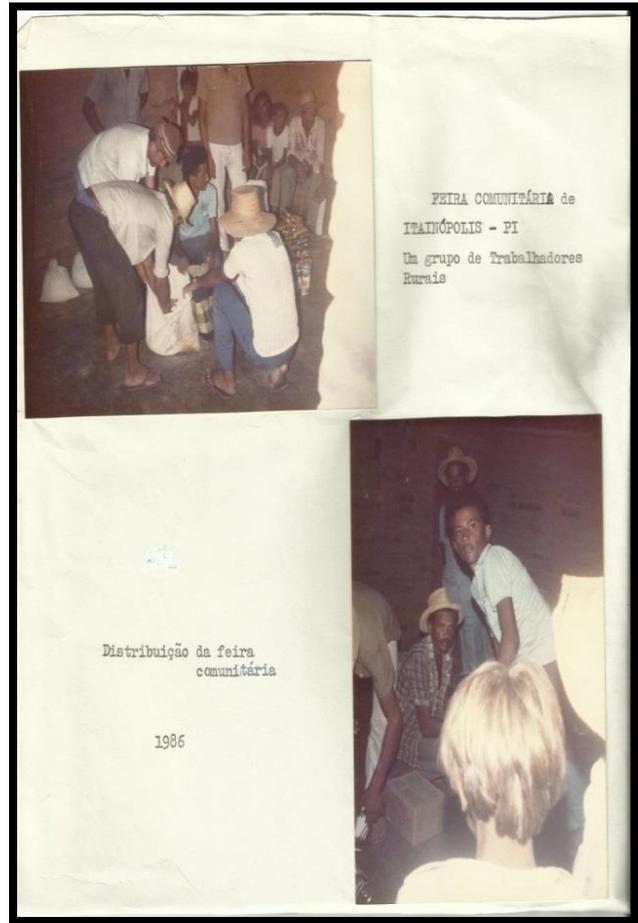


Imagem 14



Imagem 15: Feira comunitária em Itainópolis – PI, em 1986.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

O MEB ainda atuava de forma bastante significativa nas lutas por Reforma Agrária, foi o que aconteceu, na luta por terras na comunidade de Marrecas, município de São João da Canabrava.

... no dia 10 de junho de 1989 o pessoal daqui da região, sem-terra, foi ocupar uma fazenda abandonada lá no município de São João da Canabrava, a fazenda Marreca, e teve todo um trabalho do MEB, de apoio, de assessoria. E o carro do MEB na época, uma Toyota, foi quem foi na frente, vendo o ambiente, adiantar alguma coisa para os caminhões que vinha atrás cheio de gente, e durante vários anos nós passávamos era dias lá no acampamento, no assentamento, na ocupação dos sem-terra, com círculos de alfabetização de adultos, lá dentro da realidade deles, com os sindicatos. Eu me lembro que o slogan era: “ocupar, resistir e produzir”. O pessoal sofreu muito, teve um dia que eles estavam lá morrendo de fome, sem ter comida, sem nada, porque estavam chegando, morando naquela lona preta, aí mataram um boi. Não tinham nem sal para salgar esse boi, o povo da cidade de São João tinha medo dos sem-terra, medo dos sem-terra. Eles mataram esse boi. Levaram esse boi para a delegacia, quem é que matou esse boi? Nunca descobriram. Fomos nós, fomos nós! Então não podia prender todo mundo. Eles contavam também, teve um tempo que a fome foi tão grande que eles comiam maxixe, maxixe só com água e sal, sem nada. Mas eles contaram que parecia um milagre. Hoje eles tiravam os maxixes para alimentar todo o acampamento. No outro dia iam lá tinha mais maxixe para alimentar o acampamento.⁴⁷

Nesta fala da professora Oneide Rocha, percebemos o envolvimento que o MEB tinha em meio às comunidades mais carentes da Diocese de Picos, começando seu trabalho em comunidades referente ao município de Bocaina, em seguida se alargando nas demais localidades da Diocese. O próprio tema do Movimento Sem Terra “Ocupar, resistir e produzir” reflete de forma nítida que o povo não só aceitava a opção da Diocese como também já muda sua forma de agir diante da mesma, protagonizando e escrevendo sua própria História. Pois essa opção conscientizou o povo a sair do comodismo e conformismo e a se unir para lutarem por seus direitos.

⁴⁷ ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 05/02/2014.

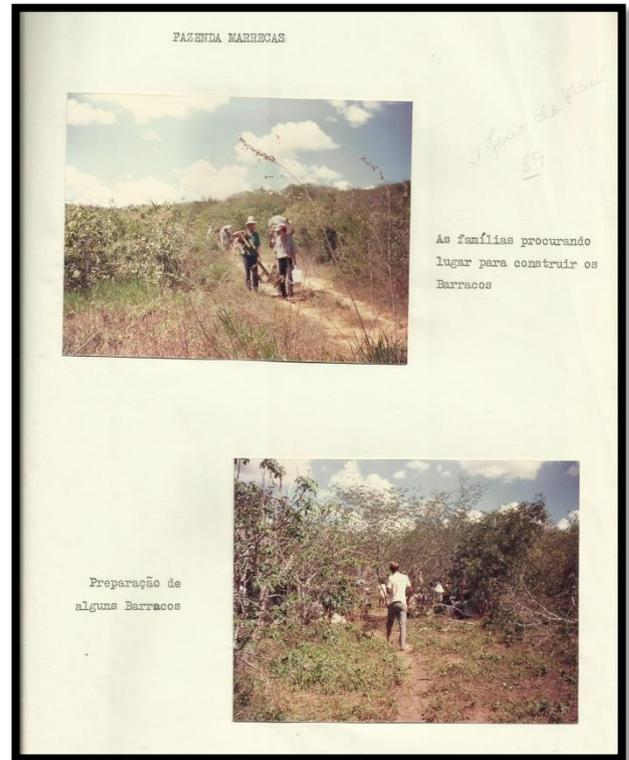
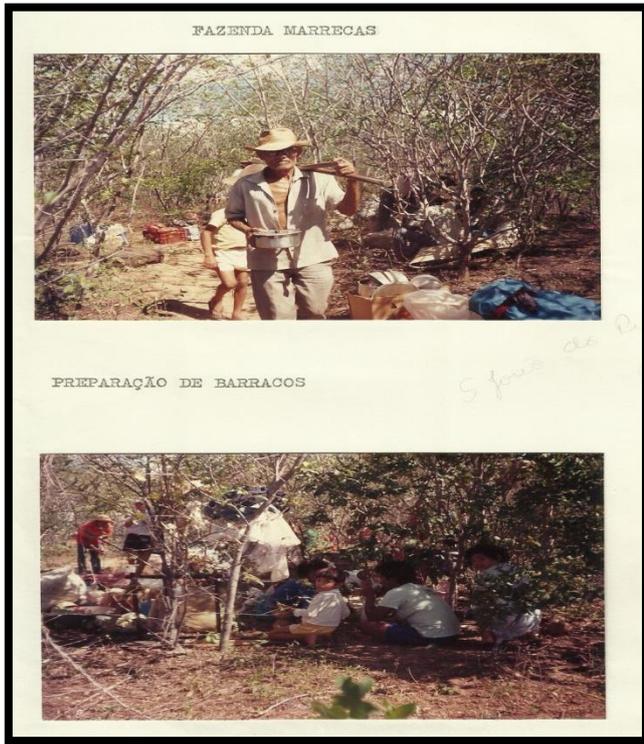


Imagem 16 e 17: Família procurando lugar para construir barracos na Fazenda Marrecas.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

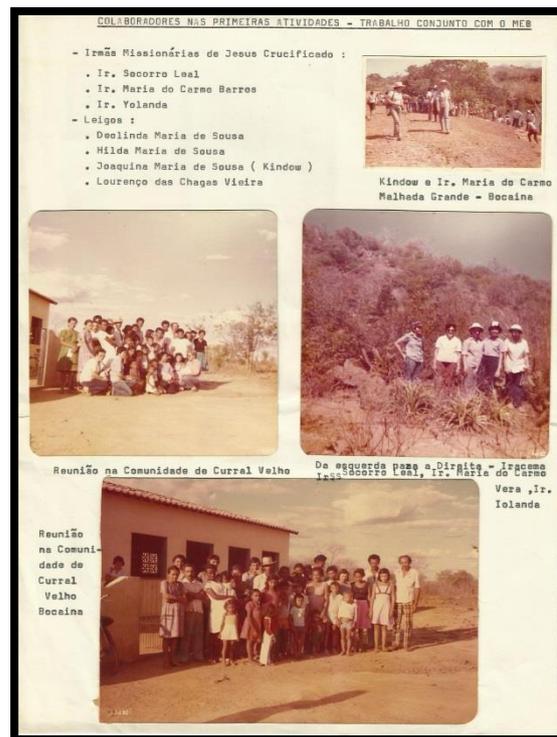


Imagem 18: Presença do MEB nas comunidades de Base, experiências a partir do modo de vida com o povo.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

E assim ia se construindo o trabalho do MEB, educando as bases para atuarem na sociedade, onde a Teologia da Libertação junto com a Pedagogia Libertadora do Paulo Freire os auxiliavam na reflexão da realidade.

Em 11 de setembro de 1983, acontece em Picos a Romaria da Seca, onde a diocese consegue reunir cerca de 8 a 10 mil pessoas⁴⁸, e deve-se muito pela realização desta romaria, ao próprio MEB, que ajudou fortemente na formação tanto em letramento, quanto a formação sócio-política dessas pessoas.



Imagem 19: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983.
Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha



Imagem 20: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983.
Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha

⁴⁸ Há contradições nas entrevistas colhidas em relação a quantidade de pessoas que participaram desta romaria.



Imagem 21: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983.
Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha



Imagem 22: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983.
Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha



Imagem 23: Romaria da Seca em Picos no dia 11 de setembro de 1983.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

A Igreja de Picos se torna referência por sua atuação no meio popular:

Assim, a diocese de Picos era referência. Quando se falava na diocese de Picos no Regional Nordeste IV era referência de uma Igreja que estava no caminho da Teologia da Libertação, inclusive, a Romaria da Seca, que aconteceu no dia 11 de setembro de 1983, ela foi organizada em um mês, um mês.⁴⁹

Sabemos que a região que compreende o município da cidade de Picos, sofre frequentemente com a seca, 1983 não foi diferente. Com a iniciativa da Romaria da Seca acontece uma conscientização nos próprios cipoenses, onde até então, se vendia água, agora está escrito “água de graça”.

O povo, por exemplo, a gente fez a romaria da seca, em 1983, oito mil pessoas se levantaram naquele dia, naquela época. Pois bem, era um tempo em que as pessoas se aproveitam para vender água para o povo, o pobre, e a gente viu o pessoal botando nas casas, ali na... botava uma jarra: “Água de graça”. Quer dizer, o recado do evangelho, é claro, por exemplo, no caso, o que é um bem, um patrimônio da humanidade, como é que eu vou me aproveitar⁵⁰.

Ao colocar toda essa situação, tentamos mapear a situação na qual as comunidades em que o MEB estava inserido, se encontravam, e a grande chave dessa História é perceber que não houve um recuo da Igreja nem dos educadores do MEB diante desta realidade, o que para nós fica claro a opção da Igreja da diocese de Picos a qual trazia nas suas ações fortes traços da Teologia da Libertação.

⁴⁹ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 05/02/2014.

⁵⁰ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 28/03/2014.

CAPÍTULO 3: AGIR: “Se nós num tivesse se unido num tinha conseguido era nada”

[...]

*Pelos caminhos da América há tanta dor,
Tanto pranto, nuvens, mistérios,
Encantos que envolvem nosso caminhar.
Há cruzeiros beirando a estrada,
Pedras manchadas de sangue,
Apontando como setas,
Que a liberdade é pra lá.*

*Pelos caminhos da América há monumentos sem rosto
Heróis pintados, mau gosto, livros de história sem cor
Caveiras de ditadores, soldados tristes, calados,
Com olhos esbugalhados, vendo avançar o amor.*

*Pelos caminhos da América há mães gritando, qual loucas,
Antes que fiquem tão roucas, digam onde acharão,
Seus filhos mortos, levados na noite da tirania,
Mesmo que matem o dia, elas jamais calarão.*

*Pelos caminhos da América, no centro do continente,
Marcham punhados de gente, com a vitória da mão.
Nos mandam sonhos, cantigas, em nome da liberdade,
Com o fuzil da verdade, combatem firme o dragão.*

*Pelos caminhos da América, bandeiras de um novo tempo,
Vão semeando, ao vento, frases teimosas de paz.
Lá na mais alta montanha, há um pau d’arco florido,
Um guerrilheiro querido, que foi buscar o amanhã.*

Zé Vicente

Isabel de Torega é uma senhora lavradora que mora na região de Bocaina, foi a primeira pessoa a tomar a atitude de pedir ajuda ao bispo Dom Augusto Alves da Rocha, pelo fato de ter sido as suas terras as primeiras a serem invadidas pelo terceiro BEC, para a construção da barragem de Bocaina.

Ela se torna um elo entre a Igreja, representada pelo Bispo Dom Augusto e o povo que lutava contra a construção da barragem, sua casa se tornou local de reuniões e formações ministradas pelo MEB.

Ao falar: “Se **nóis** num tivesse se unido não tinha **conseguido era nada**”, dona Isabel deixa clara a força da organização popular em um lugar social. Ao falarmos de lugar social, estamos falando de classe. Por classe, podemos pensar naquilo que Thompson mostra que a

mesma não é construída somente em termos econômicos, pois se baseia na construção histórica da experiência.

O surgimento das ações coletiva precede formação da classe operária. Elas se apresentam como o alicerce de composição da classe operária, unificando diferenças e pontos aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência dos atores sociais.⁵¹

São essas experiências vivenciadas em comunidade que levam as pessoas a terem uma consciência de sua realidade, e a partir desta consciência, nasce o desejo de mudanças, com o desejo de mudança, nascem as ações práticas, foi isso que aconteceu com as pessoas que moravam nos espaços que hoje compreendem a barragem de Bocaina.

Logo, com a atitude que os agricultores ribeirinhos de Bocaina tiveram, percebemos aquilo que Thompson coloca como união dos trabalhadores de acordo com as seus sentimentos e interesses, dentro das suas experiências de vida, os quais foram sendo construídos de acordo com a história local dessas pessoas. O autor ainda afirma, que além das pessoas experimentarem suas experiências com sentimentos e lidarem com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade através de formas mais elaboradas, na arte ou nas convicções religiosas, a essa metade da cultura ele atribui como uma cultura completa que pode ser descrita como consciência afetiva e moral, o que significa dizer que toda contradição é um conflito de interesse e que toda luta de classe é ao mesmo tempo uma luta de valores.

O que é perceptível nesta luta narrada por alguns dos depoentes é que os valores em questão são os interesses da população de Bocaina e os do exército.

3.1- “Nóis”/ “Conseguido era Nada”

Em algumas partes do depoimento da Dona Isabel o que nos chama a atenção às vezes, é que ela coloca a palavra “**nóis**” o que fica claro que todos os desafios e conquistas foram vividos comunitariamente, em um grupo de pessoas com a mesma crença, os mesmos objetivos e ideais. Com isso, é visível a transformação de uma Igreja instituição para uma Igreja popular.

⁵¹ THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, ed. 4, 1998.

Sobre a Igreja Popular tomamos por base o conceito do Leonardo Boff que diz:

Quando nos referimos a Igreja Popular, não tomamos como orientação o princípio jurídico, mas o fato sociológico de que [...], grupos conscientes e ativos assumem sua participação na comunidade dentro da qual antes eram meros “fregueses” ou presentes ativos. (p.41)⁵²

Sobre as experiências vividas no grupo, as quais são relatadas por Isabel de Torega, podemos entender o que Boff chama de “grupos conscientes”, ou seja, pessoas que a partir de suas experiências de vida passam a agir dentro das suas comunidades de forma politizadora e com o anseio de libertação (libertação que não se refere somente ao espiritual, mas principalmente, econômico e social), e assim a Igreja Popular foi se moldando na mais nova Diocese do Piauí.

As ações populares encontradas na Igreja Popular e presente nas citações do Leonardo Boff, nada mais são do que a presença da Teologia da Libertação, uma vez que essa teologia assume sua posição radicalizada em meio às questões sociais, e se compromete com as causas dos mais desfavorecidos.

Percebemos que foi em meio a um cenário de miséria, de experiências pessoais e de grupos que a Teologia da Libertação aflorou, pois a mesma nasceu em meio ao povo oprimido que busca libertação, “A teologia da libertação é feita a partir desse lugar social: junto com os pobres, assumindo sua causa e partilhando de suas lutas.” (BOFF, 1986).

Com esse novo jeito de ser Igreja a maioria das pessoas encontrava forças para enfrentarem seus problemas, vejamos no relato de Dona Isabel que ela e sua família permaneceram em sua terras quando o exército chega e ali se organizam para lutarem.

No inverno eu plantava na roça e na seca na vazante. Na vazante plantava era alho, cebola, batata, verdura, dava muito. Quando eu vi as maquinas invadindo minhas roças e deixando aberta para os bichos comer o legume, eu só não perdi o juízo, porque meu juízo era bom, hoje eu tenho oitenta e quatro ano e ainda tenho. Eu imaginei qui num dava mais pra gente ficar aqui não, qui ia ter que procurar um lugar pra gente ficar, onde desse pra viver. **Nóis** num fumo não, mas os outro tudo foram. Das família que morava aqui só ficou uma dos Toim de Chico, umas duas de Chico Mator e meu marido (Torega). Os outro foram embora pra Malhada, pra Bocaina.⁵³

⁵² BOFF, Leonardo. **E a Igreja se fez povo** Eclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do povo. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

⁵³ SILVA, Isabel Maria dos Santos Silva. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa e a Maria Francisca da Rocha Gomes**. Picos-PI: 10/05/2014.

Neste momento, Dona Isabel fala da sua experiência ao ver as máquinas do exército dentro das suas propriedades e usa o “nóis” para enfatizar as famílias ribeirinhas que resistiram e não saíram das suas casas no início da construção da barragem. Mais adiante no seu depoimento ela diz: “Ai quando **nóis** fumo pra Teresina”, o que já está relacionado a todas as pessoas, agricultores, ribeirinhos e donas de casa que viajaram a Teresina para poder participar da ação judicial, a qual iria lhes indenizar.

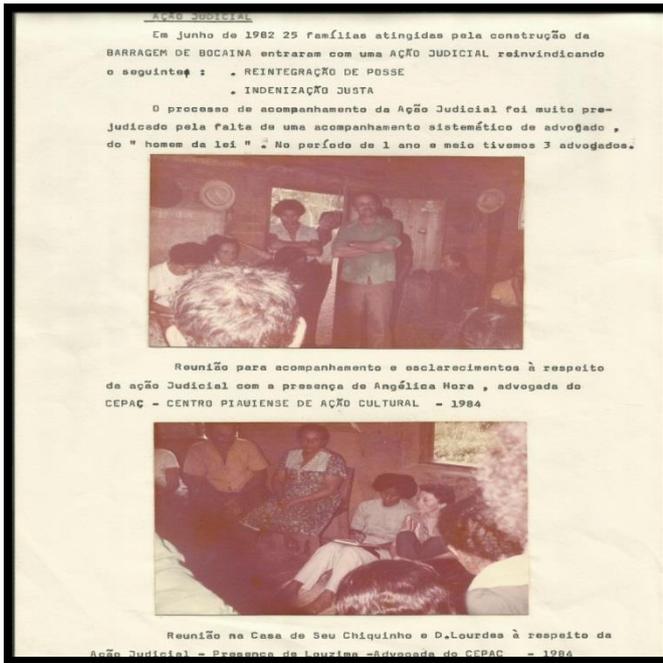


Imagem 24

Imagem 24: Reuniões de acompanhamento da ação judicial para receber a indenização aos atingidos pela construção da barragem.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha.

Imagem 25: Reunião para discutir a viagem a Teresina com a finalidade de participar da audiência de julgamento da ação judicial no Tribunal de Justiça – Teresina – Piauí.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Rocha.

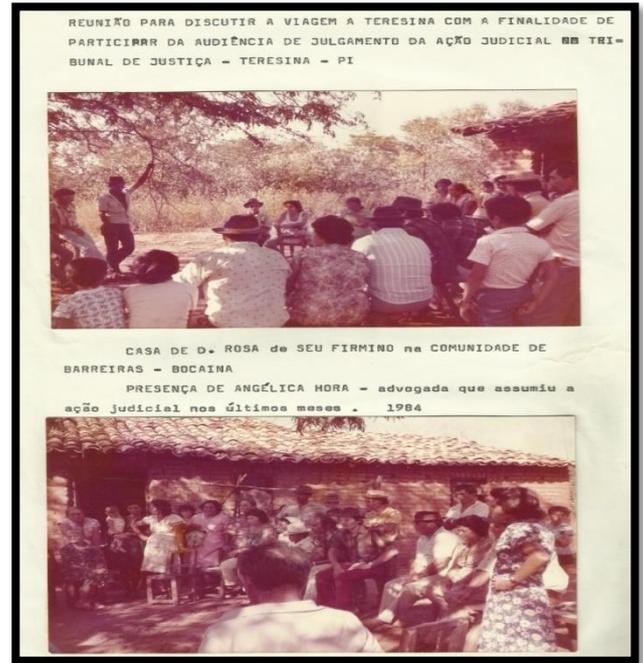


Imagem 25

Foram muitos os desafios deste povo ao ver que dentro de um ano e meio tiveram sem nenhum êxito três advogados na causa, pois só foi em 1984 que uma advogada do Centro Piauiense de Ação Cultural assumiu a causa destes ribeirinhos.

Primeiro **nóis** entramos na justiça pedindo para parar com a construção, mas aí num conseguimos, aí entramos pedindo a indenização das terras. **Nóis** fomos pra Teresina em um ônibus cheio de gente, cheio, cheio, lutando por essa indenização, foi um horror de gente. Eu sei que eles

pagaram, num foi lá essas coisas, mas eles pagaram. Ficou pior do que o qui tava, porque eles tavam só passando por cima da gente.⁵⁴

Isabel de Torega, mais uma vez atribui as ações descritas na sua fala a um grupo de pessoas com os mesmos ideais. Mostra-se consciente em relação à indenização, ao dizer que eles pagaram – o exército pagou –, não era o que eles reivindicavam porém, ela afirma que ficou melhor do que estava, porque até a Igreja e o MEB apoiar essa luta, o exército nunca tinha conversado com os donos das terras que eles invadiram.



AUDIÊNCIA EM TERESINA - DIA 20 de JUNHO DE 1984 .

Ao tomar conhecimento do encaminhamento da Ação Judicial nos últimos meses Angélica apresentou ao Tribunal 3 opções :

- . Extinguir o processo do jeito que estava
- . Marcar uma audiência
- . Extinguir o processo sem julgar o mérito - deixando em aberto

Por que a ADVOGADA pediu a extinção da AÇÃO JUDICIAL ?

- . O processo como estava condenava os posseiros

Os posseiros assinaram sem saber um acordo confirmando inclusive que já estavam indenizados e satisfeitos .

Quando da presença dos peritos na área os posseiros temerosos não tiveram coragem de falar a verdade à respeito das injustiças sofridas - faltou o acompanhamento de um advogado do lado dos posseiros na ocasião .

O laudo dos peritos da justiça foi contra os posseiros (Os peritos eram de total confiança da união , jamais um laudo deles foi rejeitado .

Dia 19-06 - pela manhã o Juiz confirmou a Audiência com Angélica

Dia 19-06 - à tarde 17:30 o advogado Juiz julgou o processo eliminando assim a audiência .

Se o Juiz julgasse pelo que estava escrito ele julgaria o povo :
LITIGIANTE DE MÁ FÉ .

Se tivesse acontecido a AUDIÊNCIA :

- Poderíamos perder - O JUIZ não acreditar no povo e sim no que estava escrito no processo

- Ou virar a mesa - O povo estava seguro , disposto e decidido .Tudo previa uma vitória - JÁ PENSOU O POVO GANHANDO ! Não puderam

Imagem 26: Viagem a Teresina para acompanhar a audiência da ação judicial para receber a indenização aos atingidos pela construção da barragem.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Maria Oneide Fialho Rocha

⁵⁴ SILVA, Isabel Maria dos Santos Silva. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa e a Maria Francisca da Rocha Gomes.** Picos-PI: 10/05/2014.

Essa luta do povo organizado, sempre com o apoio do MEB e da Igreja, na pessoa do bispo Dom Augusto Alves da Rocha, nada mais é que a Teologia da Libertação agindo no meio do povo, a qual atuou de forma significativa dentro das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), comunidades estas, que na grande maioria predominava a miséria – as injustiças políticas e sociais.

A posição da população ribeirinha de Bocaina, juntamente com a Igreja de Picos em uma luta organizada, fez com que eles não ficassem sem nada, o medo de ficar sem indenização, sem uma casa, vendo as suas roças serem destruídas, de ficarem sem condição nenhuma para viver, fez com que o povo se organizasse para junto conquistar ao menos o básico, que naquele momento seria a indenização.

Quando Dona Isabel de Torga fala: “Se nós num tivesse se unido não tinha conseguido nada”, percebemos que a união do povo era para a libertação da situação na qual se encontravam. E a Igreja na pessoa do Dom Augusto e do MEB, assumia o compromisso pela libertação do povo o que implica a denúncia de situações de fome, de morte, de abuso de autoridade, exploração econômica, opressão política e tantos outros desrespeitos à dignidade da pessoa humana dentro das comunidades de base.

Logo na Teologia da Libertação, maior que o desejo de liberdade e vontade de lutar é a vontade de viver. É essa vontade que faz com que as pessoas mesmo com uma vida difícil possam ter a esperança de melhores condições de vida, pois a vida é a opção. E essa vontade de viver é o que torna possível sempre um novo recomeço para o Povo.

A busca de uma nova convivência entre homens e mulheres e com a natureza, passa pela construção de novas relações sociais. O esforço feito pelas Comunidades Eclesiais de Base, nessas últimas décadas, mesmo remando contra a corrente, aponta para uma nova sociedade solidária e justa e para um novo modelo de Igreja, que assuma de fato, “as dores e alegrias do povo de Deus”. (FERRARO, 2002)

Fica subtendida nas passagens acima do depoimento de dona Isabel, que o povo se sentia corajoso para enfrentar o exército, porque sabiam que tinham apoio do Dom Augusto, assim como fala Gilberto dos Santos Oliveira ao falar da coragem que os pobres adquirem ao chegar alguém mais experiente para lhes ajudar.

Dona Isabel conta algumas experiências em que ela enfrentou alguns militares:

Ele arribou o chapéu. – Boa tarde senhora. Eu disse: - cheguei tarde. Se eu tivesse chegado mais cedo vocês num tinham derrubado minha cerca. Existe a lei de se evadir o alhei? Pois se existir uma lei decá ela

pra cá que eu vou evadir agora. Sou obrigada a evadir. Vocês tão evadindo sem lei. Ele disse: - dona num tem lei, nós tamo aqui mandado. Não tem lei agora nós vamo saber quem foi que mandou. O tenente e o sargento que me respondeu assim. Eu fui e disse: - pois tá certo. Pois caça quem foi. Caça, caça, que eu quero saber. Aí foi e disse: - vai chegar Dr. George que pode ter sido ele que deu ordem pra nós entrar aqui. Quando Dr. George foi com um bilhete no bolso e puxou e disse: - foi Francisco da Silva que deu ordem pra entra aqui nessa propriedade. E eu disse: - mentira mentiroso. Deixa de tu ser mentiroso. Ele ficou lá em casa com a vaca amarrada no terreiro pra vim butar nessa roça, quando eu vi a poeira subindo aqui e os trator. Ele ficou foi louco. Ficou lá em tempo de morrer. Ele num deu ordem pra ninguém entrar aqui. Ele baixou a cabeça e foi e disse: é, mas se nós entremo aqui sem ordem, mas pode tá sem medo que nós paga. Eu disse: - Tá com dois ano que vocês derrubaram a cerca dessa dita roça com milho, feijão e algodão dentro e vocês nunca pagaram. Lá no batalhão não tem home, só tem a farda, mas não tem palavra.

[...]

Um dia ia passando as máquinas na frente de minha casa para fazer uma estrada, ai eu entrei na frente abri os braços e disse: aqui vocês só passam, se passar por cima de mim, aqui eu comprei e paguei, por isso pode retirar, ai o motorista disse eu sou mandado, eu disse num quero saber. Ai ele foi falar com o capitão e o capitão disse qui não podia, destar qui ia falar com meu marido para achar outro lugar pra fazer a estrada, ai acharam e tiraram por onde é hoje.⁵⁵

Em outras passagens do seu depoimento Dona Isabel atribui toda a coragem que tinha de enfrentar o exército, ao apoio que ela tinha da Igreja, Igreja essa que ela sempre atribuía à pessoa do Dom Augusto:

Enquanto eu tinha Dom Augusto eu tinha um irmão eu tinha um pai.

[...]

Quando Dom Augusto chegou ele foi mudando a vida da diocese. Ele foi muito importante, porque para o povo ele foi muito legal, ele foi um bispo, um advogado, foi muito bom, muito bom mesmo.

[...]

Dom Augusto me disse uma vez pode lutar, no direito pode dizer o qui você quiser, pelo direito você pode lutar o tanto qui você puder, não tenha medo, se eles lhe botar na cadeia eu tiro, bater em você eles não vão bater, destá qui eu tiro, ai eu num tinha medo mermo não, não tinha medo nem um pingo.⁵⁶

Embora Dona Isabel atribua a coragem que tinha ao apoio do Dom Augusto, é cabível enfatizar que ele a apoiou, mas partiu dela a atitude e a iniciativa de organização do povo para lutarem por suas terras.

⁵⁵ SILVA, Isabel Maria dos Santos Silva. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa e a Maria Francisca da Rocha Gomes**. Picos-PI: 10/05/2014.

⁵⁶ SILVA, Isabel Maria dos Santos Silva. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa e a Maria Francisca da Rocha Gomes**. Picos-PI: 10/05/2014.

Se a Igreja não tivesse realizado a intervenção na causa dos ribeirinhos, através da figura de Dom Augusto e a futura atuação do MEB, talvez esse povo não tivesse **recebido nada** e simplesmente seria despejado, daí, denota-se a importância da **união** entre esses pontos Dom Augusto e MEB (representando a Igreja) e o povo organizado. Todos unidos em busca de um bem comum.

3.2- Juventude: Semente do novo

Contudo, a atuação religiosa em uma linha da Teologia da Libertação mostra que antes da teologia ser um movimento de ideias, ou geradora de um compromisso pela justiça, ela é gerada pelo compromisso prévio e concreto da nobre luta pela justiça, foi o que aconteceu na diocese de Picos. Uma igreja que se manteve sempre preocupada com as suas bases, e assim como propõe o Concílio, não só fez opção pelos mais pobres e marginalizados como também pela juventude, tanto que foi em 1992 que essa Igreja ousa fazer uma Missão Jovem com o tema “Juventude: Semente do novo” com a tentativa de formar lideranças jovens, pois até então o número de jovens participantes da Igreja era inferior ao de adultos como diz a Coordenadora da Pastoral da Juventude da época:

Pois até o ano de 1990 os adultos era quem fazia as atividades na Igreja e existia era a Pastoral de Juventude, então após a missão mudamos o nome para Pastoral da Juventude, pois a própria juventude se tornava protagonista.⁵⁷

Padre Zé Hillica ainda fala que:

A preocupação principal foi, desde o começo, a formação da própria coordenação e de umas lideranças que pudessem levar em frente a pastoral nas paróquias e nas áreas. [...] Além disso, claro, tinha a vontade de desafiar um pouco a história, como é típico dos jovens.⁵⁸

Segundo a Rita ela ainda diz que os poucos jovens que idealizaram e organizaram essa missão com padre José Hillica eram oriundos de partidos políticos, da caritas e das CEBs e na sua grande maioria eram jovens de classe popular, logo depois que a missão foi acontecendo aparece um contingente de jovens que buscavam sua identidade, eram jovens que lutavam e

⁵⁷ MACÊDO, Rita de Cássia da Silva. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 20/05/2014.

⁵⁸ HILLICA, José. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 20/05/2014.

buscavam um mundo melhor, mas que já sentiam as pressões de um país capitalista. A mesma em outro momento fala:

A Missão Jovem fez com que os jovens conhecessem e exercessem sua cidadania, com os direitos e deveres que a sociedade impõe, de descobrir que o jovem tem valor e que podia fazer mais, e ajudar a mudar e transformar a sociedade e foi a partir da Missão Jovem que se não me falha a memória que nas eleições municipais de 1996 alguns jovens se candidataram a vereadores com o apoio dos próprios grupos de jovens, pois os jovens saíram de dentro dos grupos, com a sua formação de cristão, mais de quem quer ajudar o próximo, no seu bairro na sua comunidade⁵⁹.

Como resquício da Missão Jovem o Padre Zé Hillica também disse que: “em geral nasceram novos grupos de jovens, novas lideranças, uma maior animação em geral da juventude, uma mais forte atenção à realidade social, além da atenção ao evangelho”⁶⁰.

Fazendo uma releitura da citação da Rita e do Padre José Hillica, percebemos que a Igreja estava preocupada em fazer desses jovens um povo politizado e que atuassem dentro da sua comunidade a fim de transformar a realidade que lhe cerca, foi o que aconteceu, muitos outros jovens oriundos da Missão Jovem de 1992 se engajaram em pastorais da Igreja, na comunicação e na educação. E assim, foi feita essa missão, fazendo com que todos os segmentos da Igreja tivessem inseridos na luta a favor da vida, já que esta é a grande chave da Teologia da Libertação, como disse Dom Augusto:

Bom, nós, o andamento normal de toda diocese, havia uma preocupação de ocupar todos os segmentos, todos os setores da vida. [...] A juventude é o caminho para que a comunidade disponha de profissionais em todos os ramos de atividade. É onde se nasce as vocações para à vida. Então, o mundo depende deste segmento. A gente fala da esperança e do futuro, mas eles já são o próprio presente e o futuro. Então a Igreja que acompanha o andamento da sociedade e do povo, ela não pode se afastar também e ignorar esta presença, digamos assim, do jovem⁶¹.

A Missão Jovem na diocese de Picos, não foi algo solto, mas sim, feita dentro do contexto atual da diocese, e foi um dos acontecimentos de maior respaldo dentro da Igreja de Picos, uma vez que o próprio bispo fala que a juventude é futuro mais também presente, logo percebemos isso na fala do padre Zé Hillica:

⁵⁹ MACÊDO, Rita de Cássia da Silva. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 20/05/2014.

⁶⁰ HILLICA, José. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 20/05/2014.

⁶¹ ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

Justamente porque não foi acadêmica, mas eminentemente pastoral. A leitura que se fez do evangelho na diocese de Picos, e também durante a preparação e realização da Missão Jovem, foi à mesma da Teologia da Libertação: um evangelho que não passa por cima do sofrimento do povo; um Deus que compactua com os pequenos; uma igreja que faz a opção preferencial dos pobres e quer ser sinal da opção de Deus; uma espiritualidade que não é evasão e que não visa somente o paraíso e a salvação da alma e sim também uma salvação e uma libertação do homem inteiro, que envolve o presente e atinge a comunidade; uma pastoral que não fosse clerical. [...] Um dos enfoques nesse sentido foi justamente o compromisso com a vida social e política, para transformar a maneira atual de viver na sociedade, maneira que é atualmente mais fonte de injustiça e de infelicidade⁶².

Contudo observamos que a missão jovem foi antes de tudo uma forma de fazer os jovens perceberem a realidade que os cercava e não se acomodar com a mesma. Em 1992, foi uma época em que a Igreja de Picos põe as suas expectativas e aposta na juventude para dar seguimento a sua linha teológica, que era a Teologia da Libertação.

⁶² HILLICA, José. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa.** Picos-PI: 20/05/2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, percebemos que a Igreja de Picos tinha um modo particular de ser Igreja, com a sua opção bem definida, era uma Igreja que atuava e vivenciava dentro das experiências do seu povo e que se apoiava sempre nas diretrizes do Concílio Vaticano II. Ouvir o clamor do Povo e Lutar a favor do povo faz parte da missão profética da Igreja. Pois esse foi o novo jeito de ser Igreja proposto na conferência em Medellín (1968) e em Puebla (1979).

No decorrer deste trabalho, é visível que o método utilizado pela Diocese de Picos era o Ver (ver a realidade), julgar (o optar por ficar e lutar ou ir embora) e o agir (transformar a realidade), pois não bastava à denúncia das injustiças, era necessário que fosse de fato testemunha delas, e para somar forças a Igreja se une ao povo e assume as suas lutas. A Igreja permitiu a formação de pessoas para atuarem nas causas sociais, a inserção de jovens dentro dos movimentos religiosos e sociais e a organização do povo contra as injustiças praticadas na sociedade, tendo como exemplo a atuação dos ribeirinhos de Bocaina.

A luta travada pela diocese de Nossa Senhora dos Remédios da cidade de Picos teve consequências para suas lideranças uma vez que tinham de andar em grupos devido ameaças que recebiam: “Para eles nós não éramos nem cidadãos, era uns bagunceiros. Nós lideranças que defendiam uma sociedade justa, onde todo mundo tivesse direitos iguais. Era assim que eles entendiam o nosso compromisso social, então, passamos a andar em grupos”⁶³. Sobre os riscos que Dom Augusto correu a Professora Oneide Rocha falou: “Queriam prender o bispo. Porque disse que o bispo é que era quem botava a gente para fazer as coisas”⁶⁴.

Logo, para a diocese de Picos não havia sentido uma Igreja em que o Bispo estivesse em primeiro lugar. Essa posição se percebe em uma Igreja anterior ao Concílio Vaticano II, porque agora o que estava em destaque era o povo, pois como foi dito por Dom Augusto “a Igreja é composta principalmente de leigos”, e aqui na Diocese de Picos a ação desses leigos no período compreendido de 1975 a 1992 é impossível de separar da Teologia da Libertação.

⁶³ OLIVEIRA, Gertrudes Maria de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 09/02/2014.

⁶⁴ ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 05/02/2014.

REFERÊNCIAS

A Esperança dos Pobres Vive: Coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin - São Paulo: Paulus, 2003.

ROCHA, Augusto Alves da. **Sonetos:** uma experiência contada em versos. Brasília. Edições CNBB, 2013.

ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. **Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto:** trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956 – 1971). Teresina, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, 2008.

BOFF, Leonardo. **E a Igreja se fez povo** Ecclesilogênese: A Igreja que nasce da fé do povo. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

_____. **Igreja:** Carisma e Poder. São Paulo: Editora Ática, 1983

_____, BOFF, Clodovis. **Teologia Orgânica:** Teologia da Libertação no Debate Atual. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. 3 ed.

CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. **História e Repressão:** fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina. / Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina: UFPI, 2006. [artigo]

CDHAL. **FÉ & política** Igreja e libertação dos povos. São Paulo: Cone.

COGGIOLA, Osvaldo (org.). **América Latina encruzilhadas da história contemporânea.** São Paulo: xamã, 2003.

Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino Americano: Santo Domingos, texto oficial. Edições Paulinas: São Paulo, 1992.

COSTA, Maria das Dores Rufino; ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Dom Augusto Alves da Rocha – 1º Bispo de Picos:** Memória da caminhada – 1975 – 2001. Picos, 2013.

DEBORTOLIN, Gizele Carvalho. **CEBs:** Cidadania na Sociedade de Mercado. [artigo]

DERMI, Azevedo. **A Igreja Católica e seu Papel Político no Brasil,** [artigo]

DIMINUIÇÃO dos números de Católicos. São Paulo. 10. Jul. 2012. Disponível em: <http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2012/07/10/a-diminuicao-do-numero-de-catolicos/>. Acesso em 25 de outubro de 2012.

Evangelização no presente e no futuro da América Lativa: Conclusões da Conferência de Puebla. Edições Paulinas, 1979.

FAVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da Participação Popular:** análise e prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966). Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

- FILHO, Ciro Marcondes. **Violência das massas do Brasil**, São Paulo: Global Editora, 1986.
- GADOTTI, Moacir. **Cidadania planetária**. Instituto Paulo Freire, Universidade de São Paulo. [artigo]
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **A Força Histórica dos Pobres**, Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1981.
- JUNIOR, Dagoberto Ferreira de Carvalho. **História Episcopal do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1980.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LÖWY, Michel. **O Catolicismo Latino Americano Radicalizado**. Estud. av. vol.3 no.5 São Paulo Jan./Apr. 1989. [artigo]
- Lucelmo Lacerda 1 / Prof^aDr^aMaria Aparecida Chaves Ribeiro 21 UNIVAP/ISE, R. Poá, 99, Enseada, São Sebastião 2 UNIVAP/Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica – Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova lucelmo@yahoo.com.br papali@univap.br
- MICELI, Sergio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MEB 30 anos educando**: Relatório Anual. Rio de Janeiro: Rumos, 1991.
- RATTON, Helvécio. **Batismo de Sangue**. [filme]. Helvécio Ratton. Rio de Janeiro, 1^o3 minutos, 2007.
- ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Movimentos Sociais**: ação sócio-política na região de Picos a partir da ação sócio-educativa do Movimento de Educação de Base – MEB, no período de 1985 – 1995. Recife, 2011. [dissertação de mestrado]
- SERAINE, Maria Beatriz Martins dos Santos; JUNIOR, Raimundo Batista dos Santos;
- MIYAMOTO, Shiguenoli (org). **Estado, Desenvolvimento e Políticas Públicas**, Teresina: Udufpi, 2008.
- SOARES, Paulo Célio. **A atuação das CEBs em Volta Redonda (1974-1979)**. Revista Nures no 13 – Setembro/Dezembro 2009 – <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP ISSN 1981-156X. [artigo]
- SOUZA, Luiz Alberto Gomes de. **As várias faces da Igreja Católica**. Estud. av. vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004. [artigo]
- ROCHA, Zildo (org). **Dom Helder Câmara**: Circulares Interconciliares. V. I – Recife: CEPE, 2009.
- _____. **Dom Helder Câmara**: Circulares Interconciliares. V. II – Recife: CEPE, 2009.
- _____. **Dom Helder Câmara**: Circulares Interconciliares. V. III – Recife: CEPE, 2009.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, ed. 4, 1998.

_____. **A formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ed. 4, 1987.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ÉTICA**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

www.comunidadecatolica.com.br. Disponível em: acessado em: 11 de jun. de 2014, 22h03min27.

FONTES

Documentos

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS DE PICOS - PI. **Livro Tombo**. Nº 01/ de 1915 a 1946.

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS DE PICOS - PI. **Livro Tombo**. Nº 06/ de 1946 a 1972.

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS DE PICOS - PI. **Livro Tombo**. Nº 01/ de 1972 aos dias atuais.

Bibliografia

VALLE, Rogério; BOFF, Clodovis. **O caminhar de uma Igreja Nordestina**. São Paulo: Paulinas, 1983.

Orais

ARAÚJO, Januário João de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 16/02/2014

BENVINDO, João. **Entrevista concedida a Maria Oneide Fialho Rocha**. Picos-PI: 2010.

HILLICA, José. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 20/05/2014.

LIMA, Helvídio João de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 09/02/2014.

MACÊDO, Rita de Cássia da Silva. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 20/05/2014.

OLIVEIRA, Gertrudes Maria de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 09/02/2014

ROCHA, Augusto Alves da. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 28/03/2014.

ROCHA, Maria dos Humildes Paixão. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 09/02/2014.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 05/02/2014.

SILVA, Isabel Maria dos Santos. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa e a Maria Francisca da Rocha Gomes**. Picos-PI: 10/05/2014.

SOUSA, Helvídio Sebastião de. **Entrevista concedida a Hortência de Moura Costa**. Picos-PI: 09/02/2014.